



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA E GESTÃO DO CONHECIMENTO

ALYNE MADEIRA KAUTNICK

O EMPREENDEDORISMO INOVADOR SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

FLORIANÓPOLIS

2020

ALYNE MADEIRA KAUTNICK

O EMPREENDEDORISMO INOVADOR SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

Orientador: Prof. Neri dos Santos, Dr.

Coorientadora: Profa. Patrícia de Sá Freire, Dra.

FLORIANÓPOLIS

2020

Kautnick, Alyne Madeira

O Empreendedorismo Inovador sob uma Perspectiva de Gênero / Alyne Madeira Kautnick ; orientador, Neri dos Santos, coorientador, Patrícia de Sá Freire, 2020.

88 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Engenharia e Gestão do Conhecimento. 2. Empreendedorismo. 3. Empreendedorismo Inovador. 4. Tecnologia. 5. Gênero. I. Santos, Neri dos. II. Freire, Patrícia de Sá. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. IV. Título.

ALYNE MADEIRA KAUTNICK

O EMPREENDEDORISMO INOVADOR SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Denilson Sell, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Maria Collier de Mendonça, Dra.

Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Gabriela Gonçalves Silveira Fiates, Dra.

Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Neri dos Santos, Dr.

Orientador

Profa. Patrícia de Sá Freire, Dra.

Coorientadora

FLORIANÓPOLIS, 2020

Este trabalho é dedicado à minha família.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é resultado de uma longa jornada, que não seria possível sem o apoio de algumas pessoas especiais.

Agradeço à minha mãe, Ana, que tem um coração de ouro e que amo mais que tudo.

Agradeço ao meu pai, Edmilson, que sempre incentivou os meus estudos.

Agradeço à minha irmã, Aryane, que sempre esteve ao meu lado.

Agradeço aos meus avós maternos, Cecília e Olivar, meus apoiadores incondicionais.

Agradeço aos meus avós paternos, Verônica e Honório, com quem não tive a oportunidade de compartilhar esse momento da minha vida, mas que mantive em pensamento.

Agradeço à minha tia, Daniela, que acompanhou toda a minha alfabetização.

Agradeço aos meus primos, Matheus e Gusthavo, verdadeiros anjos em minha vida.

Agradeço ao meu namorado, Brian, companheiro de todas as horas e imprescindível para o desenvolvimento desta dissertação.

Agradeço às minhas filhas de coração, Sunny, Dora, Maya e Isa, cuja alegria tornou cada momento difícil um pouco mais leve e divertido.

Agradeço à minha tutora, Aline, que revisou esta dissertação com tanto carinho.

Agradeço ao meu orientador, Neri dos Santos, que apoiou o tema desta dissertação.

Agradeço à minha coorientadora, Patrícia de Sá Freire, que sugeriu ótimas ideias para o desenvolvimento desta dissertação.

Agradeço também à professora Gertrudes, que me amparou em cada passo da jornada.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo compreender os desafios do empreendedorismo inovador sob uma perspectiva de gênero, usando como base o contexto do grupo Mulheres Acate, composto de 40 mulheres empreendedoras em tecnologia. Usa-se os seguintes procedimentos metodológicos: i) revisão integrativa de literatura, para mapeamento de desafios e estudos acerca do tema; ii) observação participante, para permitir à pesquisadora mais contato com a realidade do objeto de estudo; iii) questionário, para caracterizar o perfil do grupo e seus desafios; e iv) entrevista estruturada, para descrever as estratégias usadas para ultrapassá-los. O resultado indica sete desafios principais, conforme a literatura: i) o acesso a recursos financeiros é limitado; ii) o ambiente é hostil para as mulheres; iii) existe dificuldade para fazer networking; iv) existe pressão social para manter equilíbrio entre trabalho e família; v) existe poucos modelos femininos; vi) existe falta de confiança em si mesma; e vii) o acesso à educação é limitado. Todavia, o grupo pesquisado apresenta algumas discordâncias quanto aos desafios mapeados, considerando que a pressão social para manter equilíbrio entre trabalho e família é o desafio mais crítico e dificuldade para fazer networking é o desafio menos crítico; o grupo também apresenta um grau elevado de escolaridade, visto que 62,8% tem pós-graduação. Estratégias usadas para superar os desafios incluem o uso de recursos financeiros próprios e participação em competições, associativismo e participação em eventos como facilitadores para o networking, divisão de tempo específico para trabalho e família e conscientização quanto às situações de preconceito.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Empreendedorismo Inovador. Tecnologia. Gênero.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand the challenges of innovative entrepreneurship from a gender perspective, based on the context of the group Mulheres Acate, composed of 40 women entrepreneurs in technology. The following methodological procedures are used: i) integrative literature review for mapping challenges and studies on the subject; ii) participant observation, to allow the researcher more contact with the reality of the object of study; iii) questionnaire to characterize the group's profile and its challenges; and iv) structured interview, to describe the strategies used to overcome them. The result indicates seven major challenges, as per the literature: i) access to financial resources is limited; ii) the environment is hostile to women; iii) there is difficulty in networking; iv) there is social pressure to maintain work-family balance; v) there are few role models; vi) there is a lack of confidence in oneself; and vii) access to education is limited. However, the researched group has some disagreements about the mapped challenges, considering that social pressure to maintain work-family balance is the most critical challenge and difficulty in networking is the least critical challenge; the group also has a high level of education, as 62.8% have a postgraduate degree. Strategies used to overcome challenges include the use of own financial resources and participation in competitions, associativism and participation in events as facilitators for networking, specific time division for work and family, and awareness of prejudice situations.

Keywords: Entrepreneurship. Innovative Entrepreneurship. Technology. Gender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Características empreendedoras e o processo de empreendedorismo

Figura 2. O processo de empreendedorismo baseado em Timmons e Spinelli

Figura 3. Modelo do processo de inovação em empresas de tecnologia

Figura 4. Procedimentos metodológicos de pesquisa em Gestão do Conhecimento

Figura 5. Distribuição conforme país de publicação

Figura 6. Distribuição conforme palavras-chave

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Distribuição conforme ano de publicação

Gráfico 2. Quantidade de artigos que cita cada desafio

Gráfico 3. Caracterização de perfis mapeados

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Dissertações e teses associadas aos temas desta dissertação (PPGEGC)

Quadro 2. Estratégia de busca Scopus e Web Of Science

Quadro 3. Síntese de resultados da busca sistemática

Quadro 4. Distribuição conforme meio para divulgação

Quadro 5. Desafios mapeados conforme a revisão integrativa de literatura

Quadro 6. Desafios conforme resultado do questionário

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAGAMES Associação Brasileira das Desenvolvedoras de Jogos Eletrônicos

ACATE Associação Catarinense de Tecnologia

BDTD Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CEO Chief Executive Officer

EIGE European Institute for Gender Equality

EIT European Institute of Technology and Innovation

IAB Interactive Advertising Bureau

ISACA Information Systems Audit and Control Association

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

GEDI Global Entrepreneurship and Development Institute

GEM Global Entrepreneurship Monitor

MVP Minimum Viable Product

ONU Organização das Nações Unidas

PEGN Pequenas Empresas Grandes Negócios

PPGEGC Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento

RH Recursos Humanos

SINTACINE Sindicato da Indústria Audiovisual de Santa Catarina

SOFTEX Associação para Promoção da Excelência do Software Brasileiro

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA	15
1.2	OBJETIVOS	17
1.2.1	OBJETIVO GERAL	17
1.2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
1.3	JUSTIFICATIVA	17
1.4	DELIMITAÇÃO DE PESQUISA	18
1.5	ADERÊNCIA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO	19
1.6	ESTRUTURA DO TRABALHO	22
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1	EMPREENDEDORISMO	23
2.2	EMPREENDEDORISMO INOVADOR	26
2.3	MULHERES E O MERCADO DE TECNOLOGIA	29
2.4	EMPREENDEDORISMO INOVADOR E PERSPECTIVA DE GÊNERO	30
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	38
3.1.1	QUANTO À NATUREZA: APLICADA	38
3.1.2	QUANTO AO PARADIGMA: PLURALISTA E PRAGMÁTICA	38
3.1.3	QUANTO AO MÉTODO: QUALI/QUANTITATIVO	39
3.1.4	QUANTO À ABORDAGEM: EXPLORATÓRIA	39
3.2	REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	39
3.2.1	ETAPA I: DEFINIÇÃO DO TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA	40
3.2.2	ETAPA II: IDENTIFICAÇÃO DA BASE DE DADOS	40
3.2.3	ETAPA III: DEFINIÇÃO DA ESTRATÉGIA DE BUSCA	41
3.2.4	ETAPA IV: VERIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS DUPLICADOS	41
3.2.5	ETAPA V: COLETA DE DADOS	41
3.2.6	ETAPA VI: CRITÉRIOS DE ELEIÇÃO	42
3.2.7	ETAPA VII: SELEÇÃO DE ESTUDOS	42
3.2.8	ETAPA VIII: SÍNTESE DE RESULTADOS	42

3.3	CONTEXTO DE PESQUISA	44
3.4	OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	45
3.5	QUESTIONÁRIO	45
3.6	ENTREVISTA ESTRUTURADA	46
4	APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	47
4.1	REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	47
4.1.1	BIBLIOMETRIA	47
4.1.2	MAPEAMENTO DE DESAFIOS	50
4.2	QUESTIONÁRIO	52
4.2.1	CARACTERIZAÇÃO DE PERFIL	52
4.2.2	IDENTIFICAÇÃO DE DESAFIOS	55
4.3	ENTREVISTA ESTRUTURADA	56
4.3.1	CONTEXTO DO GRUPO MULHERES ACATE	56
4.3.2	DESCRIÇÃO DE ESTRATÉGIAS	58
4.4	ANÁLISE COMPARATIVA	63
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS	68
	ANEXO A – LINHA DO TEMPO REVISÃO DE LITERATURA	75
	ANEXO B – QUESTIONÁRIO DE MAPEAMENTO	77
	ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EMPREENDEDORAS	79
	ANEXO D – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ARTICULADORA DO GRUPO	79
	ANEXO E – ENTREVISTA VIA E-MAIL COM EMPREENDEDORAS	80
	ANEXO F – ENTREVISTA VIA ÁUDIO COM ARTICULADORA DO GRUPO	84
	ANEXO G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	87
	ANEXO H – GRÁFICOS	87

1 INTRODUÇÃO

Este primeiro capítulo apresenta a contextualização, o problema de pesquisa, os objetivos geral e específicos, a justificativa e a relevância do tema, a delimitação de pesquisa e a sua aderência ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMA DE PESQUISA

O empreendedorismo é objeto de estudo desde o século XVII, quando era usado para designar um indivíduo que assumia riscos (CANTILLON, 1931).

Segundo David (1998), durante os séculos XVIII e XIX, tratava-se de um tema comum aos ensaios econômicos de notáveis economistas franceses, britânicos e austríacos, descrevendo os "empreendedores" como "agentes de mudança" de economias progressistas.

De fato, percebe-se que a literatura do empreendedorismo está bastante associada aos estudos da teoria econômica (MILL, 1848), impactando suas concepções ao longo do tempo e reforçando, cada vez mais, essa ideia do empreendedor como alguém que cria empreendimentos para fins industriais, transformando a demanda em oferta (SMITH, 1776), visando às necessidades da sociedade (SAY, 1836).

Hisrich et al. (2009) resumem a essência do "empreendedorismo" aplicado ao contexto contemporâneo:

Empreendedorismo é o processo de criar algo novo com valor, dedicando o tempo e o esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as consequentes recompensas de satisfação e de independência financeira e pessoal (HISRICH et al., 2009, p. 30).

Com o início do século XXI, surge uma nova concepção de empreendedorismo, com foco em conhecimento e inovação, denominada "empreendedorismo inovador". Essa concepção descreve o empreendedorismo como "um mecanismo que converte o

conhecimento econômico em crescimento econômico" (CARLSSON et al., 2008, p. 1993), inovando não apenas quanto à implementação de novos métodos de produção, como também à criação de empresas de base tecnológica (SARKAR, 2008).

Embora tenha havido uma evolução do empreendedorismo ao longo do tempo, apenas recentemente esse tema é abordado sob uma perspectiva de gênero, sobretudo quando se trata de empreendedorismo inovador, visto o índice reduzido de mulheres em áreas de Ciência, Tecnologia e Computação (AIRES et al., 2018).

Silva et al. (2018) consideram necessário o esforço de diversos atores para a criação de ambientes acadêmicos e profissionais menos hostis às mulheres, devido ao significativo crescimento dessas áreas e à escassez de mão de obra qualificada.

Conforme pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o mercado de tecnologia brasileiro tem apenas 20% de colaboradoras mulheres, realidade também comum aos Estados Unidos (25%) e à Europa (17%) (EXAME, 2018; EIGE, 2018). Esse índice é ainda menos representativo quanto ao empreendedorismo de base tecnológica: Brasil (10%), Estados Unidos (17%), Europa (15%) (PEGN, 2018; TEARE, 2017; EIT, 2018).

O estudo do empreendedorismo sob essa perspectiva identifica não apenas a resistência de estereótipos de gênero (LIMAS, 2017), como também reforça a existência de limitações institucionais (KAUTNICK, 2019): apenas 10% de todos os aportes financeiros é direcionado às mulheres empreendedoras em tecnologia (EXAME, 2018), reduzido para 7% quando se trata de capital de risco (FORBES, 2014).

O empreendedorismo inovador é um dos principais propulsores econômicos em todo o mundo e representa 5,6% da economia catarinense, rendendo ao Estado a quarta posição no ranking de faturamento médio brasileiro (ACATE, 2018). Embora o índice de mulheres empreendedoras em tecnologia esteja crescendo cada vez mais, ainda é pouco representativo, trazendo implicações não apenas sociais, como também organizacionais e econômicas.

Logo, buscando compreender essa realidade, apresenta-se o problema de pesquisa: ***quais os desafios do empreendedorismo inovador sob uma perspectiva de gênero?***

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender os desafios do empreendedorismo inovador sob uma perspectiva de gênero.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Mapear os desafios de mulheres empreendedoras em tecnologia através da literatura;
- b) Caracterizar o perfil de mulheres empreendedoras do grupo Mulheres Acate;
- c) Identificar os desafios de mulheres empreendedoras do grupo Mulheres Acate;
- d) Descrever as estratégias usadas para superar esses desafios.

1.3 JUSTIFICATIVA

O empreendedorismo inovador ainda é visto como tipicamente masculino, mesmo após quase duas décadas de estudos sob uma perspectiva de gênero (ANNA et al., 2000).

De fato, esse tema continua sendo pouco abordado na literatura, correspondendo a 1,19% quando comparado aos temas empreendedorismo e tecnologia e apenas 0,17% quando comparado apenas ao tema empreendedorismo, conforme as bases *Scopus* e *Web Of Science*. Esse mesmo cenário é visto no contexto brasileiro: a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações apresenta 27 estudos com o tema "empreendedorismo inovador", mas nenhum desenvolvido sob uma perspectiva de gênero.

Segundo o *Global Entrepreneurship Monitor*, o índice de mulheres empreendedoras brasileiras cresceu consideravelmente durante os últimos anos, representando agora uma diferença de menos de 3% quando comparado aos empreendedores homens (GEM, 2017).

Todavia, enfatiza-se que as mulheres empreendedoras estão fortemente associadas às áreas de varejo, educação e outros serviços, menos reconhecidas como importantes para o

crescimento e desenvolvimento econômico. Ou seja, percebe-se ainda uma grande lacuna no que diz respeito à área de atuação entre mulheres e homens, sendo estes grande parte dos empreendedores em tecnologia.

Desde 1986, ano de fundação da Associação Catarinense de Tecnologia (Acate), até 2017, o número de empresas de tecnologia catarinenses aumentou 94 vezes, sendo 50% constituídas durante os últimos seis anos. Esse conjunto de empresas fatura cerca de R\$ 10,27 bilhões, representando 3,2% da economia do Estado. Inserida nesse contexto, a cidade de Florianópolis é o segundo maior pólo brasileiro quanto à densidade de empreendedores, dispendo de 750 empreendedores para cada 100 mil habitantes. Contudo, as mulheres empreendedoras constituem apenas 25,6% desse ecossistema (ACATE, 2018).

Isso impacta diretamente o crescimento e desenvolvimento econômico, visto que a diversidade em ambientes de trabalho é considerada importante para que haja uma força de trabalho mais criativa, inovadora e produtiva, permitindo que a empresa se mantenha cada vez mais competitiva (WENTLING, PALMA-RIVAS, 1998).

Logo, mesmo com o crescimento do número de mulheres empreendedoras brasileiras, durante os últimos anos, sua representatividade e importante contribuição para o crescimento e desenvolvimento econômico do país ainda é pouco significativa, quando se trata de empreendedorismo de base tecnológica, evidenciando-se a relevância desta dissertação.

1.4 DELIMITAÇÃO DE PESQUISA

Esta dissertação está delimitada à revisão de literatura e ao contexto e à realidade específica do grupo Mulheres Acate.

1.5 ADERÊNCIA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

O tema desta dissertação está associado à área de Gestão do Conhecimento, especificamente à linha de pesquisa Empreendedorismo e Inovação, que estuda as metodologias, técnicas e ferramentas de gestão do conhecimento aplicadas à promoção do empreendedorismo, inovação e sustentabilidade organizacional (PPGEGC, 2019).

Segundo a Base de Teses e Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, o tema "empreendedorismo" representa 21 documentos, "empreendedorismo inovador" 04 e "gênero" 08. Todavia, associando-se os temas "empreendedorismo" e "gênero", esse resultado é de apenas 02 documentos e não consta documentos para "empreendedorismo inovador" e "gênero". Buscou-se também os temas "gênero" e "tecnologia", com apenas 01 documento, visto que a concepção de empreendedorismo inovador adotada nesta dissertação está associada à área de tecnologia.

Embora o tema empreendedorismo esteja bastante desenvolvido no PPGEGC, destaca-se que, quando associado ao tema gênero e tecnologia, proposta desta dissertação, houve poucos ou nenhum resultado.

O Quadro 1 apresenta em detalhes as estratégias de busca e os resultados.

Quadro 1. Dissertações e teses associadas aos temas desta dissertação (PPGEGC).

"empreendedorismo" = 21 resultados			
Autor (a)	Título	M/D	Ano
Menegazzo	Parques Tecnológicos – Sustentabilidade Econômico Financeira: Um Estudo de Caso no Sapiens Parque	M	2018
Aguiar	Um Modelo de Conhecimento para Empreendimentos Criados por Egressos de Universidades Brasileiras	M	2018
Schmitz	A Inovação e o Empreendedorismo na Universidade: Um Framework Conceitual Sistêmico para Promover Desenvolvimento Socioeconômico Regional e Sustentabilidade Institucional	D	2017
Borges	Dinâmica das Parcerias Intersetoriais em Iniciativas de Inovação Social: Descrição à Proposição de Diretrizes	D	2017
Kracik	Competências Empreendedoras no Âmbito Social: Um Estudo dos Participantes Catarinenses do Social Good Brasil Lab 2016	M	2017
Consoni	Competências Empreendedoras: Estudo de Caso em uma Organização de Ensino Intensiva em Conhecimento	M	2016
Trierveiler	Orientações para a Aplicação do Conhecimento Organizacional no	M	2015

	Contexto de Iniciativas de Inovação no Modelo de Negócio		
Cisne	Competitividade Sistêmica: Conhecimento como Fator de Produção de Capital Social para o Desenvolvimento Local	M	2015
Silva	Indicadores para Avaliação da Influência dos Ambientes de Empreendedorismo Inovador na Geração de Capital Social	D	2015
Melo	Cultura Empreendedora na Universidade Federal de Santa Catarina: O Centro Tecnológico como Espaço de Práticas Empreendedoras	M	2014
Fiates	Influência dos Ecossistemas de Empreendedorismo Inovador na Indústria de Venture Capital: Estratégias de Apoio às Empresas Inovadoras	D	2014
Gonçalves	Sustentabilidade Integrada em Organizações Empreendedoras: Um Estudo de Caso	M	2014
Wolf	Influência da Competência Empreendedora dos Coordenadores nos Indicadores de Desempenho dos Polos EAD	D	2014
Souza	Competências Empreendedoras no Processo de Formação do Extensionista Rural	D	2013
Paula	Atividade de Inteligência de Segurança Pública: Um Modelo de Conhecimento Aplicável aos Processos Decisórios para a Prevenção e Segurança no Trânsito	D	2013
Labiak	Método de Análise dos Fluxos de Conhecimento em Sistemas Regionais de Inovação	D	2012
Machado	Plano de Negócios: Uma Abordagem Baseada na Gestão do Conhecimento	M	2012
Schmitz	Competências Empreendedoras: Os Desafios dos Gestores de Instituições de Ensino Superior como Agentes de Mudança	D	2012
Ueno	A Concepção de um Modelo de Empreendedorismo Inovador Baseado em Conhecimento: O Estudo de Caso do Programa Sinapse da Inovação	M	2011
Willerding	Empreendedorismo em Organização Pública Intensiva em Conhecimento: Um Estudo de Caso	M	2011
Prim	Processo Empreendedor e Coevolução em Organizações Intensivas em Conhecimento	D	2009

"empreendedorismo inovador" = 04 resultados			
Autor (a)	Título	Nível	Ano
Silva	Indicadores para Avaliação da Influência dos Ambientes de Empreendedorismo Inovador na Geração de Capital Social	D	2015
Fiates	Influência dos Ecossistemas de Empreendedorismo Inovador na Indústria de Venture Capital: Estratégias de Apoio às Empresas Inovadoras	D	2014
Labiak	Método de Análise dos Fluxos de Conhecimento em Sistemas Regionais de Inovação	D	2012
Ueno	A Concepção de um Modelo de Empreendedorismo Inovador Baseado em Conhecimento: O Estudo de Caso do Programa Sinapse da Inovação	M	2011

"mulher*" ou "gênero" ou "feminin*" = 08 resultados			
Autor (a)	Título	Nível	Ano
Maestri	UX Design, Gênero e Tecnologia: A Mídia do Conhecimento como Instrumento para Inclusão de Mulheres	M	2019
Filéti	Iniciativas de Ação Social de Cooperativas à Luz da Inovação Social	M	2019

Aguiar	Um Modelo de Conhecimento para Empreendimentos Criados por Egressos de Universidades Brasileiras	M	2018
Cancelier	Contribuições das Práticas de Gestão de Pessoas para Promoção da Igualdade de Gênero: Conciliando a Vida Profissional e Pessoal	M	2017
Beirão	Criação e Compartilhamento do Conhecimento da Área de Moda em um Sistema Virtual Integrado – Simoda	D	2011
Obregon	Validação de Instrumento de Identificação do Perfil de Usuário através de Ícones Representativos das Inteligências Múltiplas	M	2009
Botelho	Ascensão Profissional de Executivas em Empresas Baseadas no Conhecimento	M	2008
Sales	Modelo Multiplicador Utilizando a Aprendizagem por Pares Focado no Idoso	D	2007

("mulher*" ou "gênero" ou "feminin*") e "empreendedor*" = 02 resultados			
Autor (a)	Título	Nível	Ano
Filéti	Iniciativas de Ação Social de Cooperativas à Luz da Inovação Social	M	2019
Aguiar	Um Modelo de Conhecimento para Empreendimentos Criados por Egressos de Universidades Brasileiras	M	2018

("mulher*" ou "gênero" ou "feminin*") e "tecnologia" = 01 resultado			
Autor (a)	Título	Nível	Ano
Maestri	UX Design, Gênero E Tecnologia: A Mídia do Conhecimento como Instrumento para Inclusão de Mulheres	M	2019

Fonte: autora.

Esta dissertação, portanto, avança os estudos de empreendedorismo inovador e gênero usando o contexto de uma comunidade de prática (WENGER, 1998), o grupo Mulheres Acate, cujo interesse comum é a visibilidade de mulheres empreendedoras em tecnologia.

O caráter interdisciplinar deste estudo também é outro aspecto que colabora para sua aderência ao PPGEGC, uma vez que "o conhecimento também é abordado como relevante fator estratégico para a geração de valor e equidade social" (PPGEGC, 2019).

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos.

O primeiro capítulo, introdução, apresenta a contextualização, o problema de pesquisa, os objetivos geral e específicos, a justificativa e a relevância do tema, a delimitação de pesquisa e a sua aderência ao PPGEGC.

O segundo capítulo, fundamentação teórica, apresenta uma revisão de literatura abordando os temas embasadores desta dissertação:

- i) empreendedorismo;
- ii) empreendedorismo inovador;
- iii) mulheres e o mercado de tecnologia;
- iv) empreendedorismo inovador sob uma perspectiva de gênero.

O terceiro capítulo, procedimentos metodológicos, apresenta as abordagens e métodos usados para o desenvolvimento desta pesquisa.

O quarto capítulo, resultados, apresenta a análise e discussão de resultados.

Finalmente, o quinto e último capítulo, considerações finais, apresenta a conclusão desta pesquisa e as sugestões para pesquisas futuras referentes ao tema abordado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta a fundamentação teórica desta pesquisa.

2.1 EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo é um tema amplamente estudado e devido à evolução do tema em diversas áreas do conhecimento, existe ainda bastante desacordo quanto ao seu significado (MORRIS et al., 2010; DUARTE, 2013).

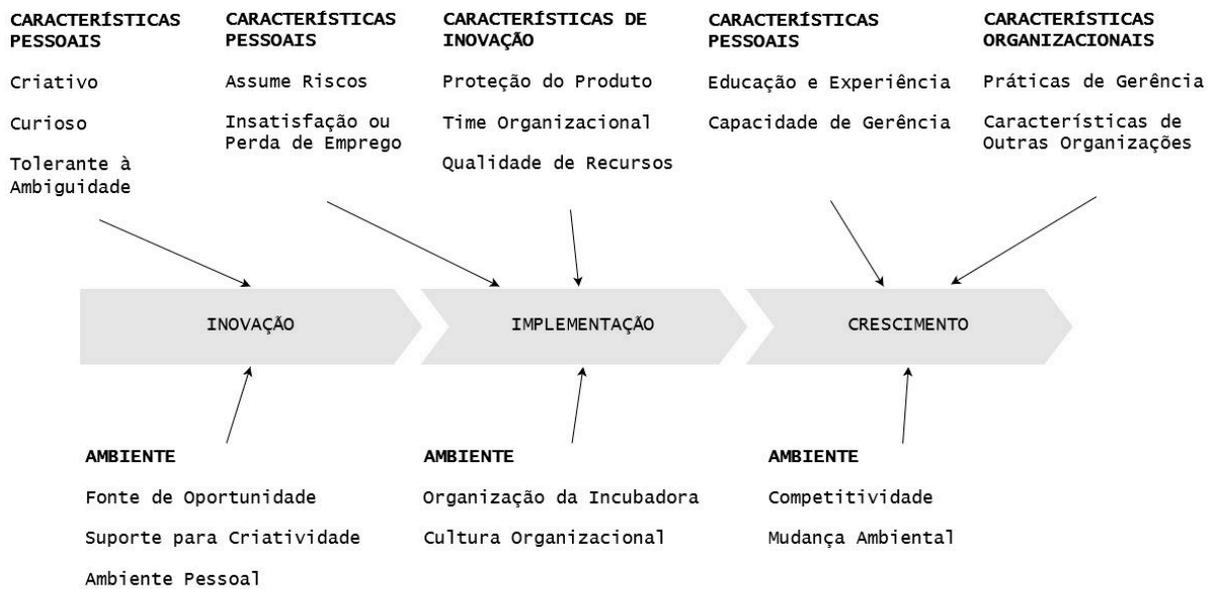
De fato, segundo Shane e Venkataraman (2000), "um dos principais obstáculos para a criação de um *framework* para o campo do empreendedorismo é sua definição" (p. 218), direcionando muitos pesquisadores ao estudo de empreendedores e suas características.

Kirzner (1973) considera os empreendedores como aqueles que buscam soluções para o equilíbrio do mercado. Com base nessa concepção, Mises (1978) complementa que não existe espaço para o empreendedorismo, enquanto a economia segue em um ciclo estável e repetitivo de equilíbrio, destacando que os empreendedores devem antecipar eventos incertos.

Moore (1986) afirma que "o empreendedor é um indivíduo com uma ideia de negócio inovadora que assume os riscos necessários para estabelecer a produção e o marketing do produto ou serviço associado, esperando que o empreendimento cresça" (p. 66).

Organizando essas características empreendedoras, Moore (1986) apresenta um modelo do processo de empreendedorismo (Figura 1).

Figura 1. Características empreendedoras e o processo de empreendedorismo.



Fonte: traduzido de Moore (1986, p. 67).

O empreendedorismo também está associado à disposição para assumir riscos calculados (TIMMONS, SPINELLI, 2008) e à habilidade para perceber oportunidades em meio ao caos (MISES, 1978; DORNELAS, 2008).

Dornelas (2008) afirma que "empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades" (p. 22).

Figura 2. O processo de empreendedorismo baseado em Timmons e Spinelli.



Fonte: Dornelas (2008, p. 29).

Hisrich et al. (2009), em consonância com os autores anteriores, sugerem que o processo de empreendedorismo "é mais que a simples solução de problemas em uma posição administrativa típica", uma vez que é tarefa dos empreendedores "avaliar e desenvolver uma oportunidade, superando as forças que resistem à criação de algo novo" (p. 31).

O papel do empreendedorismo no desenvolvimento econômico envolve mais do que apenas o aumento de produção e renda per capita; envolve iniciar e constituir mudanças na estrutura do negócio e da sociedade. [...] Uma teoria de crescimento econômico coloca a inovação como o fator mais importante, não só no desenvolvimento de novos produtos (ou serviços) para o mercado, como também no estímulo ao interesse em investir nos novos empreendimentos que estão sendo criados (HISRICH et al., 2009, p. 36).

Segundo Morris et al. (2010), o empreendedorismo é um processo de criação em sete perspectivas: i) criação de riqueza; ii) criação de empresa; iii) criação de inovação; iv) criação de mudança; v) criação de empregos; vi) criação de valor; e vii) criação de crescimento.

O empreendedorismo também está associado à aprendizagem e ao conhecimento organizacional, impactando o crescimento da economia e a evolução da sociedade (ZSUZSANNA, HERMAN, 2012; CAVALCANTI, 2013; FIATES, 2014).

Segundo Braum e Nassif (2017), cada vez mais o estudo do empreendedorismo engloba outras áreas do conhecimento, como "características psicológicas do empreendedor, estratégias de sucesso e também causas de insucesso, oportunidades de novos negócios e influência de fatores ambientais, sociais e econômicos sobre a ação empreendedora" (p. 1).

Esta dissertação entende o empreendedorismo associado ao seu ambiente:

O contexto social, cultural, político e econômico influencia diretamente o empreendedorismo, e também indiretamente através de valores sociais e atributos individuais. Essa influência pode ser positiva ou negativa. O empreendedorismo, por sua vez, cria empregos e novos valores que contribuem para o desenvolvimento socioeconômico (GEM, 2019, p. 15).

Logo, compreende-se que o empreendedorismo é um fenômeno importante tanto para a economia quanto para a sociedade, e que, devido à sua complexidade, exige mentalidade e habilidade específicas (GEM, 2019, p. 70).

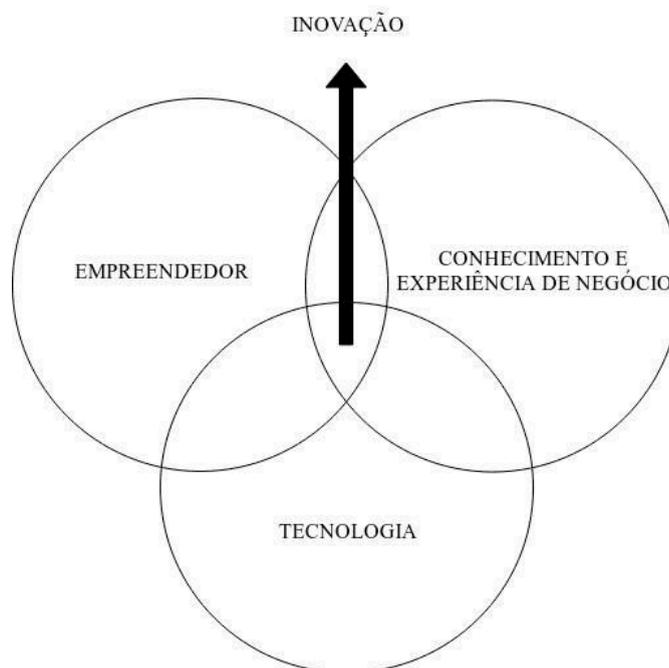
2.2 EMPREENDEDORISMO INOVADOR

O empreendedorismo inovador é considerado um fator-chave para o crescimento positivo de alguns indicadores econômicos, como produtividade, competitividade e geração de empregos (ZSUZSANNA, HERMAN, 2012). Segundo Martes (2010), trata-se de uma inovação pioneira e transformadora, em que o empreendedor lidera um processo de mudança que extrapola os domínios de seu negócio e de sua própria esfera de atuação.

Embora exista muitos exemplos de empreendedores inovadores recentes, essa concepção de empreendedorismo impulsionado através de tecnologia é bastante antiga, com origem em obras de Schumpeter, em que o processo de "destruição criativa" transforma a ordem econômica existente através da inovação (PARK, 2005).

Park (2005) apresenta um modelo do processo de inovação, ou reconhecimento de oportunidades, em empresas de tecnologia, baseado em três elementos: empreendedor, tecnologia e conhecimento e experiência de negócio.

Figura 3. Modelo do processo de inovação em empresas de tecnologia.



Fonte: traduzido de Park (2005, p. 747).

Com base nesse modelo, Park (2005) destaca o empreendedor como "um dos muitos fatores que impactam o sucesso em empresas iniciantes de alta tecnologia" (p. 741), indicando também que "o seu nível de conhecimento prévio é essencial para permitir que uma empresa explore novas oportunidades de mercado" (p. 743). Segundo Park (2005), isso ocorre, sobretudo, em empresas de base tecnológica, uma vez que "o conhecimento administrativo especializado é necessário para localizar, mobilizar, combinar e explorar outros recursos em resposta às oportunidades de negócios" (p. 743).

Outro elemento significativo desse modelo é a tecnologia, que fornece vantagem competitiva, quando associada aos demais elementos e à necessidade do mercado, criando uma oportunidade lucrativa (PARK, 2005, p. 744; TROTT, 2002).

[...] a tecnologia está sempre diversificando, de modo que o reconhecimento efetivo de oportunidades em *startups* de alta tecnologia envolve a diversificação tecnológica, combinando-a com oportunidades de mercado novas ou existentes e evoluindo continuamente a tecnologia com as necessidades do mercado ou do cliente (PARK, 2005, p. 745).

Com uma visão mais pragmática, Koellinger (2008) classifica os empreendedores em imitadores e inovadores, conforme o grau e tipo de inovação.

O empreendedor imitador inicia seu negócio em uma população estabelecida, cuja rotina, competência e oferta varia apenas minimamente, se é que existe, de organizações existentes, trazendo pouco ou nenhum conhecimento incremental para a população em que organiza suas atividades. Já o empreendedor inovador difere significativamente de organizações existentes no mercado específico em que inicia seu negócio (KOELLINGER, 2008, p. 23).

Desse modo, compreende-se que o empreendedor inovador fornece um produto ou serviço baseado em novas tecnologias, e o replicativo apenas copia um produto ou serviço disponível no mercado, modificando-o conforme seus próprios interesses comerciais (BAUMOL, 2010; MAYHEW et al., 2012; HERRMANN, 2018).

Segundo Poblete (2017), embora o empreendedorismo inovador seja considerado mais arriscado que o empreendedorismo imitativo, geralmente, traz mais resultados e investimentos, devido à sua orientação inovadora (p. 6).

Corroborando essa concepção, Crudu (2019) afirma que:

O empreendedor inovador é aquele que consegue transformar ideias inovadoras em produtos, serviços ou tecnologias de alta demanda e comercializáveis e, portanto, a inovação desempenha um papel específico como instrumento para obter rendimentos inovadores. O empreendedorismo inovador tem despertado um interesse crescente, não apenas acadêmico, como também político (CRUDU, 2019).

Crudu (2019) também destaca algumas características principais de empreendedores inovadores: i) busca de oportunidades orientadas ao conhecimento e à tecnologia; ii) formação acadêmica em áreas de base tecnológica; e iii) atuação em ecossistema que facilita não somente a transferência de conhecimento, como também o acesso a recursos financeiros.

Esta dissertação define empreendedorismo inovador como as iniciativas empreendedoras de oportunidade, intensivas em conhecimento e em tecnologia, características em empresas de base tecnológica.

2.3 MULHERES E O MERCADO DE TECNOLOGIA

O mercado de tecnologia cresce cada vez mais rápido em todo o mundo, promovendo um amplo ecossistema de empresas inovadoras, em que o índice de mulheres empreendedoras é reflexo de sua pouca representatividade, mesmo como colaboradoras.

Essa trajetória remonta à década de 1840, quando Ada Lovelace criou o primeiro algoritmo, um marco histórico para a área de computação. Quase dois séculos depois, o mercado de tecnologia ainda não é receptivo às mulheres: a Google, uma das maiores empresas de tecnologia da atualidade, emprega apenas 30% mulheres, sendo que apenas 17% atua em áreas técnicas. Esse cenário desigual também ocorre no Facebook (31%), Apple (30%) e Twitter (30%) (EPOCA, 2015).

Segundo o *Interactive Advertising Bureau*, um estudo desenvolvido em 44 países, incluindo 300 empresas brasileiras, a representação de mulheres quanto ao mercado de trabalho de tecnologia é de apenas 25%. Quanto aos cursos de graduação, o estudo demonstra que a participação de mulheres corresponde a 18% (IAB, 2015).

Outro estudo da *Information Systems Audit and Control Association* apresenta as cinco principais barreiras de mulheres com à área de tecnologia: i) poucos mentores (48%); ii) pouca representação feminina (42%); iii) preconceito de gênero em local de trabalho (39%); iv) oportunidades de crescimento desiguais em comparação aos homens (36%); e v) remuneração desigual, considerando as mesmas habilidades (35%). Esse estudo destaca que não se trata apenas de uma preocupação social, mas também é um problema de mão de obra, considerando a escassez crítica de profissionais de tecnologia qualificados (ISACA, 2017).

Durante os últimos doze anos, o número de mulheres no mercado de tecnologia praticamente dobrou, mesmo assim, o índice de mulheres passou de 24% (2007) para 20% (2019), enquanto o índice de homens cresceu 144% (SOFTEX, 2017). Essa perda de representatividade desincentiva o ingresso de outras mulheres.

Logo, é necessário que haja mais visibilidade de exemplos femininos desde a escola, através de filmes e palestras (MACEDO et al., 2018), e que as empresas também estejam comprometidas em mudar essa realidade, oferecendo cada vez mais um ambiente de trabalho receptivo às mulheres (CUNHA et al., 2018).

2.4 EMPREENDEDORISMO INOVADOR SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Este tópico apresenta a revisão integrativa de literatura, enfatizando-se que alguns trechos estão publicados em artigo desenvolvido previamente (KAUTNICK, 2019).

O estudo mais antigo encontrado durante a busca sistemática relata um crescimento de mulheres empreendedoras em 78% entre os anos de 1987 e 1994, cenário que parece bastante favorável. Todavia, destaca-se que esse índice não representa o crescimento da própria empresa, em termos de receita e número de colaboradores (ANNA et al., 2000).

Segundo Anna et al. (2000), isso ocorre devido às áreas de atuação comuns às empresas de mulheres, geralmente associadas ao varejo, e sua pouca representatividade em áreas economicamente mais reconhecidas, como a tecnologia.

Então, alguns anos mais tarde, o estudo de Martin e Wright (2005) explora como a existência de estereótipos de gênero impacta o crescimento e desenvolvimento de mulheres empreendedoras em tecnologia, prejudicando não apenas o seu acesso a recursos financeiros, como também o seu processo de *networking*.

De fato, observa-se que uma ocorrência mais frequente de estudos retratando mulheres empreendedoras em tecnologia começa em 2007, com a publicação de 02 artigos:

i) o primeiro apresenta o Projeto Akshaya e ressalta a importância de iniciativas direcionadas a grupos populacionais específicos, devido às suas diferentes necessidades (MUKHOPADHYAY, NANDI, 2007);

ii) o segundo descreve a trajetória de Radha Jalan, que assumiu a empresa ElectroChem, especializada em tecnologia de células de combustível, após a morte de seu esposo, enfrentando muitos desafios, devido ao seu pouco conhecimento técnico e à sua in experiência quanto aos negócios (AMATUCCI, COLEMAN, 2007).

Mayer (2008) investiga quatro regiões metropolitanas dos EUA (Vale do Silício, Califórnia; Boston, Massachusetts; Washington, DC; e Portland, Oregon) quanto aos padrões de segmentação setorial e espacial de mulheres empreendedoras em tecnologia, concluindo que a existência de estereótipos masculinos impede o ingresso de mulheres em cargos executivos e gerenciais que desenvolvem conhecimentos necessários ao empreendedorismo. O acesso a recursos financeiros também é visto como uma barreira.

O estudo de Robert et al. (2009), usando o contexto da França, retrata um ecossistema de empreendedorismo de base tecnológica consideravelmente masculino (82,7%), sugerindo que a pouca representatividade de mulheres ocorre devido aos estereótipos de gênero.

Os dois estudos de Hampton et al. (2009 e 2011) tem foco específico em *networking*, destacando sua importância em ecossistemas de empreendedorismo de base tecnológica e como isso representa um verdadeiro desafio para as mulheres empreendedoras. O primeiro estudo observa a natureza e a dinâmica do processo de *networking* sob uma perspectiva de gênero, enquanto o segundo examina a qualidade desse processo, considerando aspectos como tipo e composição do grupo, natureza e níveis de engajamento, efeitos de eventuais mudanças quanto à composição do grupo e em suas atividades. Essa análise, segundo os autores, serve como base para elaboração de políticas públicas com foco em mulheres empreendedoras (HAMPTON et al., 2009 e 2011).

McAdam e Marlow (2010) investigam como ocorre a concepção da identidade empreendedora de mulheres empreendedoras em tecnologia, em um contexto de incubação. Observa-se uma replicação do comportamento masculino, considerado mais "apropriado" ao empreendedorismo de base tecnológica, para obtenção de credibilidade e legitimidade quanto aos outros empreendedores. O estudo também destaca que, após o sucesso estabelecido da empresa e a garantia de suas competências como empreendedora, reduz-se essa preocupação.

O estudo de Wynarczyk e Marlow (2010) descreve a experiência e contribuição de algumas mulheres empreendedoras em áreas de ciência, engenharia, tecnologia e matemática. Essa proposta, desenvolvida através de múltiplos estudos de caso, é bastante significativa, visto que incentiva o ingresso de mulheres em área consideradas masculinas.

Marlow e McAdam (2011) analisam a influência de atribuições de gênero associadas às experiências de mulheres empreendedoras em tecnologia, operando em um contexto de incubação de empresas. Com o apoio de teorias e evidências empíricas, afirma-se a urgência de uma perspectiva de gênero quanto ao contexto de incubação de empresas de tecnologia, devido à reprodução de comportamentos masculinos, considerados mais "apropriados".

O estudo de Falgren e Luppi (2012) apresenta resultados do *Empowering Women*, projeto que surgiu baseado em demandas sociais e econômicas, visto a escassez de

colaboradoras e empreendedoras quanto ao mercado de tecnologia, e visa o desenvolvimento de um modelo para cursos de inovação e empreendedorismo para mulheres em tecnologia.

Segundo Orser et al. (2012), usando como base o contexto canadense, observa-se a persistência de muitas barreiras ao crescimento e desenvolvimento de mulheres empreendedoras em tecnologia: (i) pouca cobertura da mídia; (ii) ausência de investidores do sexo feminino; (iii) suposições sexistas e antiquadas; (iv) relutância de mulheres quanto a contratos estendidos; e (v) pouca confiança em si mesma (p. 76). O estudo destaca também a necessidade de uma compreensão quanto às estratégias de superação, permitindo às associações industriais e governos o desenvolvimento de "programas para atração, retenção e promoção de mulheres empreendedoras em tecnologia" (p. 74).

O estudo de Ezzedeen e Zikic (2012) investiga o contexto canadense de mulheres empreendedoras em tecnologia, acrescentando outros desafios àqueles sugeridos: (i) estereótipos de gênero persistentes; (ii) escassez de modelos femininos; (iii) resistência de associados dentro e fora de suas organizações; e (iv) pressões sociais para manter níveis adequados de equilíbrio entre trabalho e família (p. 44).

McGowan et al. (2013), conforme Hampton et al. (2009 e 2011), reconhece a importância do processo de *networking* para a troca de experiências, ideias e conhecimentos. Quanto às mulheres empreendedoras em tecnologia, esse processo proporciona mais oportunidades para criação de riqueza e empregos.

Polkowska (2013) evidencia o impacto de gênero quanto à comercialização de conhecimento científico em tecnologia, desde estereótipos masculinos até acesso limitado a recursos financeiros. Outro aspecto relevante é que o processo de *networking* também é visto como obstáculo e que, em determinadas culturas, existe uma grande pressão social para manter níveis de equilíbrio entre trabalho e família.

Segundo Marlow e McAdam (2013), a incubação de empresas é um processo que molda a identidade de mulheres buscando legitimidade como empreendedoras em tecnologia, "incentivando a reprodução de comportamentos masculinos" (p. 1), uma vez que isso permite às mulheres a "obtenção de visibilidade e legitimidade dentro do ambiente masculinizado do empreendedorismo de alta tecnologia incubado" (p. 6).

O estudo de Martin et al. (2015) compreende as condições de incentivo à resiliência de mulheres empreendedoras em tecnologia (p. 539), sugerindo que mulheres empreendedoras em tecnologia estão em um processo contínuo de ajuste quanto às tendências perceptivas de visibilidade, contraste e assimilação, devido ao seu *status* "incomum".

Divergindo um pouco de outros estudos, conclui-se que, embora estivessem cientes de seu *status* de minoria, as mulheres empreendedoras tinham uma visão fleumática, destacando que "os problemas encontrados eram temporários e solucionáveis através de demonstrações de especialização e boas práticas" (MARTIN et al., 2015, p. 546).

Tinkler et al. (2015) enfatizam alguns indicadores, reforçando o acesso limitado a recursos financeiros de mulheres empreendedoras em tecnologia: 5% dos investimentos de capital de risco e 3% das empresas de tecnologia. Embora os dados sejam de 2004 a 2007, esse contraste entre homens e mulheres ainda é uma realidade. Sugere-se, como resultado da pesquisa, que "as mulheres, mais do que os homens, precisam de certos indicadores de potencial, conexões com atores-chave e também formação técnica, para obtenção de legitimidade como líderes empreendedoras" (TINKLER et al., 2015, p. 22).

Segundo Kuschel et al. (2015), observa-se três elementos principais para o sucesso do empreendedorismo de base tecnológica: i) necessidades de capital; ii) *networking*; e iv) características individuais. Logo, considerando os desafios de mulheres empreendedoras em tecnologia, compreende-se a sua pouca representatividade quanto ao contexto do Chile.

O estudo de Berger e Kuckertz (2016) complementa essa concepção, explorando a realidade dos 20 ecossistemas iniciantes mais bem-sucedidos em todo o mundo e identificando as suas características quanto à representatividade de mulheres empreendedoras. O resultado mais evidente dessa pesquisa é que, devido à essa escassez de mulheres empreendedoras em tecnologia, esses ecossistemas não atingem seu verdadeiro potencial.

O aumento do índice de mulheres empreendedoras contribui para um empreendedorismo com mais qualidade, conferindo mais diversidade, não apenas quanto ao gênero, como também em termos de produtos, processos, formas de organização e mercados-alvo (BERGER, KUCKERTZ, 2016).

De fato, através do modelo de Arroyo et al. (2016), observa-se uma grande disparidade quanto às expectativas de crescimento entre empreendedores homens e mulheres. Devido ao seu "*status* de minoria", mulheres empreendedoras em tecnologia estão mais abertas a concessões e tem menos expectativas (MARTIN et al., 2015).

Xie e Lv (2016), conforme Hampton et al. (2009 e 2011), consideram que o processo de *networking* é muito importante para o contexto do empreendedorismo de base tecnológica e, após o desenvolvimento de uma pesquisa com 316 empresas chinesas, os autores destacam que, esse processo e a capacidade para reconhecimento de oportunidades tem efeito positivo para as mulheres empreendedoras em tecnologia, enquanto estereótipos de gênero tem efeito negativo quanto ao desempenho de novos negócios. Usando como base essa mesma pesquisa, apenas com uma visão mais direcionada ao acesso a recursos financeiros, Xie e Lv (2017) corroboram que a escassez de recursos e legitimidade tem efeito negativo quanto ao desempenho de novos negócios, enquanto o apoio institucional tem efeito positivo.

O resultado de ambas as pesquisas produz implicações bastante práticas, visto que os níveis de estereótipos de gênero e o acesso limitado a recursos financeiros prejudica não apenas o crescimento e desenvolvimento de novos negócios, como também da economia.

Discriminação de gênero se refere ao discurso ou comportamento discriminatório, baseado em estereótipos de gênero. [...] mulheres empreendedoras em tecnologia são vulneráveis ao impacto da discriminação de gênero, especialmente em casos de homens e mulheres com antecedentes sociais, econômicos, motivações e características de personalidade semelhantes. [...] trazendo diferenças significativas de gênero quanto ao desempenho de novos negócios (XIE, LV, 2016, p. 6).

O estudo de Alakaleek e Cooper (2017) investiga 16 empresas de base tecnológica, que tem mulheres como fundadoras, e seu acesso a recursos financeiros. Com foco específico à realidade da Jordânia, a pesquisa traz um panorama de como esse processo ocorre e é relevante em economias em desenvolvimento.

Aleidi e Chandran (2017) destacam a escassez de estudos acerca de mulheres empreendedoras em tecnologia, associando essa realidade à pouca representatividade em disciplinas e cursos de empreendedorismo. Logo, os autores consideram importante uma análise de motivações institucionais e tecnológicas de mulheres empreendedoras em

tecnologia, possibilitando a elaboração de políticas públicas específicas. Evidencia-se a importância dessa pesquisa, visto que retrata o contexto da Arábia Saudita, pouco explorado sob a perspectiva de mulheres empreendedoras em tecnologia.

Chatterjee e Ramu (2017), considerando o contexto da Índia, também desenvolvem uma pesquisa com características bastante específicas, indicando alguns fatores significativos que impedem uma verdadeira equidade entre homens e mulheres empreendedores em tecnologia: i) acesso limitado a recursos financeiros; ii) restrições culturais e de gênero; iii) acesso limitado à educação básica; iv) acesso limitado a novos mercados; v) pouco acesso a *networking*; vi) pouco conhecimento técnico e comercial; e vii) pouco acesso a tecnologias de informação e comunicação, como Internet e mídias sociais. O estudo destaca que a pouca representatividade de mulheres em registros de patentes, representando apenas 7,7% de inventoras primárias, também contribui para esse cenário desigual.

Com o propósito de uma contribuição pragmática, Cansiz e Tekneci (2018) investigam a associação entre capital social, cultural e econômico e o desempenho de mulheres empreendedoras estabelecidas em tecnoparques da Turquia. Constata-se que "experiências de trabalho anteriores, três ou mais parceiros e a idade do negócio estão positivamente associados ao sucesso" (p. 151), enquanto experiências anteriores de empreendedorismo não demonstra, estatisticamente, uma associação significativa quanto ao sucesso.

Outro aspecto interessante é que "conflitos de papéis entre trabalho e família, e a discriminação baseada em gênero também surgem como barreiras significativas de mulheres empreendedoras em tecnologia" (CANSIZ, TEKNECI, 2018, p. 177).

O estudo de Shukla et al. (2018) constata a realidade da Índia, em que o fenômeno *lucite ceiling* impede a superação de alguns desafios, como acesso a recursos financeiros. Outro desafio bastante comum é a obrigação quanto às atividades domésticas, envolvendo também o cuidado com os filhos e familiares idosos. Ou seja, espera-se que haja um equilíbrio entre trabalho e família, sempre priorizando esta quando necessário. Enfim, devido aos poucos incentivos e ao acesso limitado à educação, observa-se também poucos modelos femininos, afastando cada vez mais as mulheres empreendedoras da área de tecnologia.

Weru et al. (2018), conforme Mukhopadhyay e Nandi (2007), também abordam o desenvolvimento de um projeto específico direcionado às necessidades de mulheres

empreendedoras em tecnologia. Uma parceria entre a *Strathmore University* e o *Standard Chartered Bank* permite a criação da incubadora *Standard Chartered Women*, buscando a redução de alguns obstáculos, como estereótipos de gênero, pouca representatividade, acesso limitado a recursos financeiros e dificuldade para fazer *networking*.

Segundo Aleidi e Chandran (2018), é necessário uma compressão dos empreendedores em tecnologia como essenciais para o crescimento socioeconômico, inovação e criação de emprego, destacando que a pouca representatividade de mulheres impacta esse contexto. Como resultado, a pesquisa, realizada em diferentes universidades públicas e incubadoras de tecnologia da Arábia Saudita, indica barreiras à atividade empreendedora de mulheres.

Demartini (2018) desenvolve um estudo comparativo, sob uma perspectiva de gênero, quanto ao desempenho financeiro de empresas de base tecnológica, usando uma amostra de startups italianas. O resultado sugere que, mesmo recebendo menos investimentos, empresas de mulheres tem tamanho, lucratividade, eficiência e gestão financeira semelhante às empresas com fundadores homens.

O estudo de Vershinina et al. (2019) investiga a importância da legitimidade quanto ao acesso de mulheres empreendedoras em tecnologia aos recursos financeiros necessários para o crescimento de suas empresas, através de investimentos externos. Com base nesse contexto, constata-se que o processo de *networking* e a obtenção de qualificações estrangeiras permite às empreendedoras mais acesso a recursos e, conseqüentemente, empresas mais inovadoras.

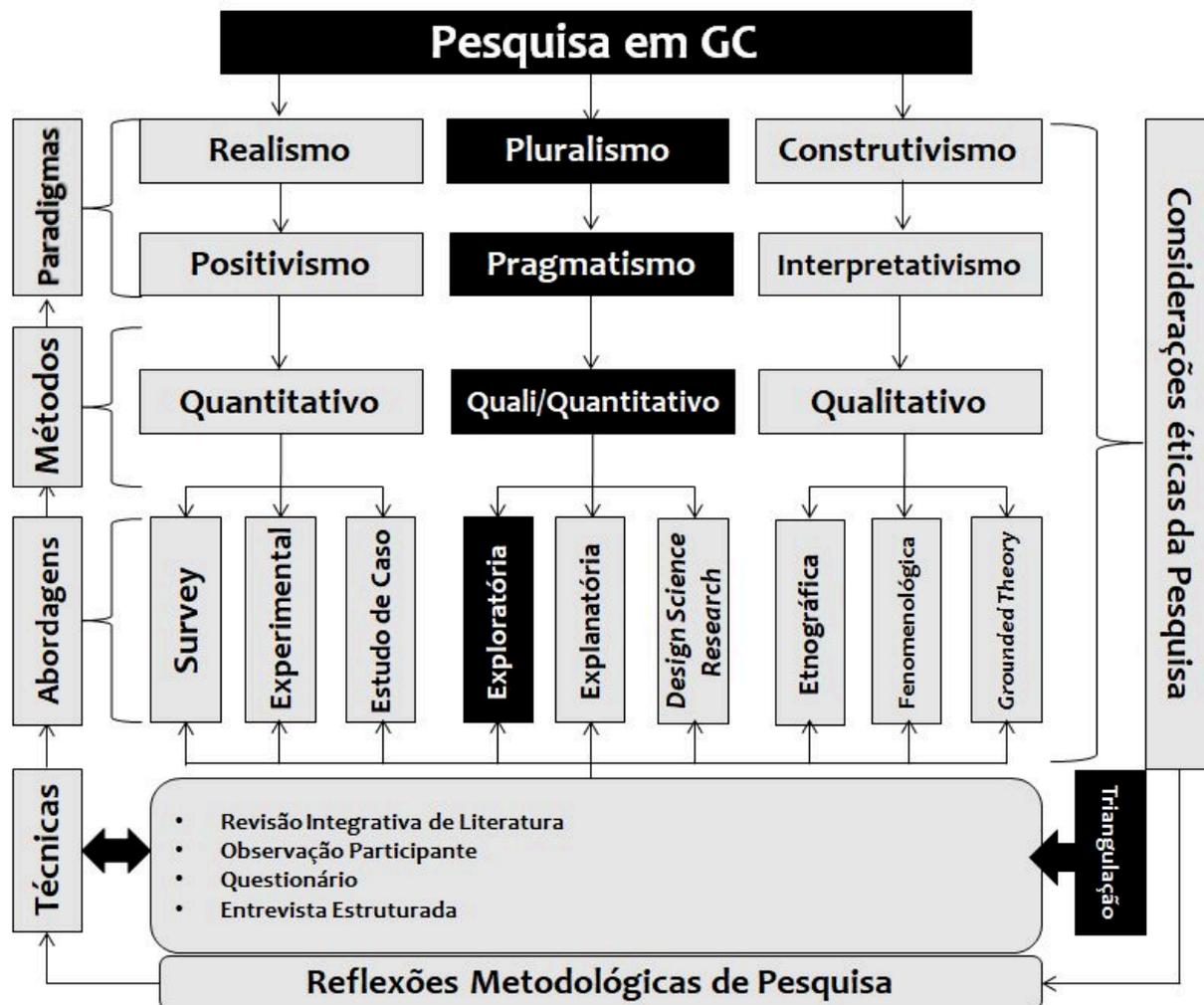
O artigo mais recente encontrado durante a busca sistemática é uma análise comparativa de gênero quanto às estratégias de auto-liderança em empreendedores de base tecnológica, especificamente direcionadas às metas de crescimento (BENDELL et al., 2019).

Segundo Bendell et al. (2019), observa-se que o uso de auto-sugestão é mais favorável às mulheres empreendedoras em tecnologia, com foco em desenvolvimento de objetivos e tarefas, enquanto os homens têm mais sucesso com o uso de auto-definição, gerenciando o próprio comportamento em benefício de suas metas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este terceiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos norteadores desta dissertação, necessários para alcançar os objetivos propostos, conforme Figura 4.

Figura 4. Procedimentos metodológicos de pesquisa em Gestão do Conhecimento.



Fonte: NGULUBE, P. Trends in Research Methodological Procedures used in Knowledge Management Studies. *African Journal of Library, Archives and Information Science*, 2015.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Segundo Heerdt e Leonel (2006), "pesquisa é um processo de investigação que se interessa em descobrir as relações existentes entre os aspectos que envolvem os fatos, fenômenos, situações ou coisas" (p. 61). Ou seja, trata-se de "um conjunto de atividades orientadas para a busca de um determinado conhecimento" (RUDIO, 1999, p. 9).

Rudio (1999) afirma que "a pesquisa científica se distingue de qualquer outra modalidade de pesquisa pelo método, pelas técnicas, por estar voltada para a realidade empírica, e pela forma de comunicar o conhecimento obtido" (p. 9). De fato, para que uma pesquisa seja considerada científica é necessário que seja desenvolvida de modo organizado e sistemático, visto que é durante o seu planejamento que se define as estratégias para investigação do objeto de estudo (HEERDT, LEONEL, 2006, p. 62).

Desse modo, o procedimento metodológico usado nesta pesquisa, conforme Figura 4, visa uma resposta, com embasamento científico, à pergunta: quais os desafios do empreendedorismo inovador sob uma perspectiva de gênero?

3.1.1 QUANTO À NATUREZA: APLICADA

Quanto à sua natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, visto que busca conhecimentos dirigidos à identificação e solução de problemas específicos (GERHARDT, SILVEIRA, 2009), gerando impacto às organizações, grupos e atores sociais envolvidos em seu processo (FLEURY, WERLANG, 2019).

3.1.2 QUANTO AO PARADIGMA: PLURALISTA E PRAGMÁTICA

Quanto ao paradigma, trata-se de uma pesquisa pluralista, com uma visão pragmática da realidade observada, oferecendo uma compreensão mais profunda acerca do objeto de estudo e sua importância para a sociedade (NGULUBE, 2015).

3.1.3 QUANTO AO MÉTODO: QUALI/QUANTITATIVO

Quanto ao método, trata-se de uma pesquisa mista, visto que incorpora e combina aspectos de abordagens qualitativas e quantitativas, permitindo uma compreensão mais abrangente acerca do objeto de estudo (CRESWELL, 2010).

O caráter qualitativo desta pesquisa está associado à compreensão de um determinado grupo social (mulheres empreendedoras em tecnologia) e o quantitativo está associado à ênfase em atributos mensuráveis deste grupo.

3.1.4 QUANTO À ABORDAGEM: EXPLORATÓRIA

Quanto à abordagem, esta pesquisa tem caráter exploratório, visto que busca uma definição mais exata do objeto de estudo (HEERDT, LEONEL, 2006) e permite bastante flexibilidade quanto ao seu planejamento, considerando seus diversos aspectos (GIL, 2002).

Essa abordagem, geralmente, envolve: i) levantamento bibliográfico; ii) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema de pesquisa; e iii) análise de exemplos que "estimulem a compreensão" (GIL, 2002).

3.2 REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

O método de revisão integrativa de literatura visa "sintetizar os resultados obtidos em estudos acerca de um tópico específico, de maneira sistemática, ordenada e ampla" (p. 12), possibilitando a inclusão de estudos teóricos e empíricos, para uma compreensão mais completa do objeto de estudo (ERCOLE et al., 2014).

Segundo Ercole et al. (2014), para a construção de uma revisão integrativa de literatura, é necessário seis etapas: i) identificação do problema de pesquisa; ii) estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos; iii) definição de informações

para extração; iv) análise de estudos incluídos; v) interpretação de resultados; e vi) síntese e apresentação da revisão.

Quanto ao escopo desta dissertação, adaptou-se as etapas sugeridas anteriormente, inserindo as bases de dados e softwares usados durante o processo (TORRACO, 2005).

Esse processo de análise bibliográfica evidenciou o objeto de estudo sob o ponto de vista de referências teóricas publicadas (FONSECA, 2002; GIL, 2002).

3.2.1 ETAPA I: DEFINIÇÃO DO TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

Esta etapa permite, através de uma busca sistemática e uma revisão integrativa de literatura, a identificação de oportunidades de pesquisa, visto que aplica estratégias científicas durante o processo de busca, limita o viés de seleção de artigo e sintetiza os estudos relevantes (PERISSÉ et al, 2001).

Baseando-se em uma revisão integrativa de literatura e uma busca sistemática acerca do tema "empreendedorismo inovador e gênero", definiu-se o problema que norteia esta pesquisa: *quais os desafios do empreendedorismo inovador sob uma perspectiva de gênero?*

3.2.2 ETAPA II: IDENTIFICAÇÃO DA BASE DE DADOS

Com o objetivo de abranger os periódicos científicos com mais impacto em contexto internacional e brasileiro, identificou-se as bases de dados Scopus e Web of Science.

3.2.3 ETAPA III: DEFINIÇÃO DA ESTRATÉGIA DE BUSCA

Definiu-se a estratégia de busca usando os termos mais comuns às palavras-chave de estudos acerca do tema desta dissertação. Essa busca abrangeu todos os anos, mas estava limitada a apenas *articles* e *conference papers*, em ambas as bases de dados.

Quadro 2. Estratégia de busca Scopus e Web Of Science.

TITLE-ABS-KEY

((("woman entrepreneur*" OR "women entrepreneur*" OR "female entrepreneur*") AND "technology") OR ("gender" AND "entrepreneur*" AND "technology"))

TÓPICO: (((("woman entrepreneur*" OR "women entrepreneur*" OR "female entrepreneur*") AND "technology") OR ("gender" AND "entrepreneur*" AND "technology"))

Tempo estipulado: Todos os anos. Índices: SCI-EXPANDED, SSCI, A&HCI, CPCI-S, CPCI-SSH, ESCI.

Fonte: autora.

Obteve-se 223 documentos, sendo 134 referentes a Scopus e 89 a Web Of Science.

3.2.4 ETAPA IV: VERIFICAÇÃO DE DOCUMENTOS DUPLICADOS

O uso do software EndNote permitiu a remoção de 46 documentos duplicados, restando 177 documentos para análise. Durante o processo de análise, removeu-se outros 17 documentos duplicados, restando 160 documentos.

3.2.5 ETAPA V: COLETA DE DADOS

Coletou-se, em uma planilha eletrônica, dados referentes ao título, autores, objetivo, metodologia e resultados, de cada documento para a etapa de análise.

3.2.6 ETAPA VI: CRITÉRIOS DE ELEIÇÃO

Definiu-se como critério decisivo o objeto de estudo associado ao tema "mulheres empreendedoras em tecnologia".

3.2.7 ETAPA VII: SELEÇÃO DE ESTUDOS

Depois do processo de análise, referente à leitura de títulos, palavras-chave e resumos, e o uso do critério de elegibilidade, verificou-se a relevância de apenas 34 documentos.

3.2.8 ETAPA VIII: SÍNTESE DE RESULTADOS

Obteve-se como resultado um portfólio com 34 artigos, conforme Quadro 3.

Quadro 3. Síntese de resultados da busca sistemática.

Título	Autor (Ano)
Women Business Owners In Traditional And Non-Traditional Industries	Anna et al. (2000)
No Gender In Cyberspace? Empowering Entrepreneurship And Innovation In Female-Run ICT Small Firms	Martin e Wright (2005)
Unpacking The Assumption Of Gender Neutrality: Akshaya Project Of The Kerala IT Mission In India	Mukhopadhyay e Nandi (2007)
Radha Jalan And Electrochem, Inc.: Energy For A Clean Planet	Amatucci e Coleman (2007)
Segmentation And Segregation Patterns Of Women Owned High-Tech Firms In Four Metropolitan Regions In The United States	Mayer (2008)
Entrepreneurship In Emerging High-Tech Industries: ICT Entrepreneurs Between Experts And Kamikazes	Robert et al. (2009)
Female Entrepreneurial Networks And Networking Activity In Technology Based Ventures	Hampton et al. (2009)
Female Entrepreneurship In The Context Of High Technology Business Incubation: Strategic Approaches To Managing Challenges And Celebrating Success	McAdam e Marlow (2010)
Celebrating Achievement And Innovation: Case Studies Of Successful Women Scientists	Wynarczyk e Marlow (2010)
Analyzing The Influence Of Gender Upon High Technology Venturing Within The Context Of Business Incubation	Marlow e McAdam (2011)

Developing Quality In Female High-Technology Entrepreneurs Networks	Hampton et al. (2011)
Empowering Women Through Vocational Training Methodologies And First Results Of The Leonardo Project "Empowering Women"	Falgren e Luppi (2012)
Perceived Career Challenges And Response Strategies Of Women In The Advanced Technology Sector	Orser et al. (2012)
Entrepreneurial Experiences Of Women In Canadian High Technology	Ezzedeen e Zikic (2012)
Developing Quality In Networks: The Experience Of Male And Female Entrepreneurs In New Technology-Based Ventures	McGowan et al. (2013)
Women Scientists In The Leaking Pipeline: Barriers To The Commercialisation Of Scientific Knowledge By Women	Polkowska (2013)
Incubation Or Induction? Gendered Identity Work In The Context Of Technology Business Incubation	Marlow e McAdam (2013)
An Unusual Job For A Woman? Female Entrepreneurs In Scientific, Engineering And Technology Sectors	Martin et al. (2015)
Gender And Venture Capital Decision-Making: The Effects Of Technical Background And Social Capital On Entrepreneurial Evaluations	Tinkler et al. (2015)
Entrepreneurial Funding Challenges For Latin American Women Start-Up Founders	Kuschel et al. (2015)
Female Entrepreneurship In Startup Ecosystems Worldwide	Berger e Kuckertz (2016)
An International Study Of The Factors Explaining High-Growth Expectation In New Ventures: A Gender Perspective	Arroyo et al. (2016)
Social Networks Of Female Tech-Entrepreneurs And New Venture Performance: The Moderating Effects Of Entrepreneurial Alertness And Gender Discrimination	Xie e Lv (2016)
Female Technology Entrepreneurs: Resource Shortages And Reputation Challenges – A View Of Institutional Support	Xie e Lv (2017)
The Female Entrepreneurs Financial Networks: Accessing Finance For The Emergence Of Technology-Based Firms In Jordan	Alakaleek e Cooper (2017)
Technological And Institutional Perspectives Of Women's IT Entrepreneurial Intention In Saudi Arabia	Aleidi e Chandran (2017)
Gender And Its Rising Role In Modern Indian	Chatterjee e Ramu (2017)

Innovation And Entrepreneurship	
Innovative And Technology-Based Women Entrepreneurs In Turkey: Capital And Performance	Cansiz e Tekneci (2018)
Traversing The Women Entrepreneurship In South Asia: A Journey Of Indian Startups Through Lucite Ceiling Phenomenon	Shukla et al. (2018)
Promoting Women Ict Start-Ups To Accelerate Women's Economic Empowerment: A Case Of Strathmore University-@Ibizafrica	Weru et al. (2018)
Budding Female It Entrepreneurs In Saudi Arabia: Impact Of It And Institutional Environment	Aleidi e Chandran (2018)
Innovative Female-Led Startups. Do Women In Business Underperform?	Demartini (2018)
Gaining Legitimacy Through Proactive Stakeholder Management: The Experiences Of High-Tech Women Entrepreneurs In Russia	Vershinina et al. (2019)
A Gender-Aware Study Of Self-leadership Strategies Among High-Growth Entrepreneurs	Bendell et al. (2019)

Fonte: autora.

3.3 CONTEXTO DE PESQUISA

O grupo Mulheres Acate é uma iniciativa da Associação Catarinense de Tecnologia, que visa o fortalecimento do protagonismo de mulheres quanto à busca da equidade em ambientes de tecnologia e inovação. É, atualmente, composto de 40 empreendedoras em tecnologia e 10 colaboradoras em empresas de tecnologia associadas a Acate.

Esta dissertação teve como foco apenas as 40 mulheres empreendedoras.

3.4 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Observação participante é um método de pesquisa que permite a visualização e análise do objeto de estudo, através da vivência com os sujeitos pesquisados, participando sistemática e permanente, ao longo do tempo de pesquisa, de suas atividades (SEVERINO, 2007).

Quanto ao escopo desta pesquisa, a embaixadora do grupo Mulheres Acate inseriu a pesquisadora em grupo de WhatsApp, para que não apenas observasse as discussões, como também participasse ativamente de suas atividades, como reuniões presenciais. Esse processo demonstra confiança do grupo quanto à pesquisadora, permitindo que esta conscientizasse os demais membros da importância desta pesquisa e obtivesse informações acerca de suas realidades em seus próprios contextos (GERHARDT, SOUZA, 2009).

Esse método também é importante, visto que capta uma variedade de percepções não obtidas através de perguntas, permitindo uma análise empírica do objeto de estudo e uma compreensão de aspectos não contemplados durante as outras etapas.

3.5 QUESTIONÁRIO

O questionário é um conjunto de questões sistematicamente articuladas e pertinentes ao objeto de estudo, visando uma compreensão acerca da percepção do pesquisado.

Segundo Severino (2007), o uso de questões objetivas suscita respostas igualmente objetivas, evitando dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas. Ou seja, visto que o pesquisado escolhe as respostas em uma lista predeterminada, indicando a que mais corresponde à sua percepção, é possível uma padronização e uniformização de dados coletados através do questionário (GERHARDT, SOUZA, 2009).

Esta pesquisa abrangeu o uso de um questionário com 16 perguntas, dividido em duas partes: i) 10 questões associadas ao perfil; e ii) 06 questões associadas às percepções quanto aos desafios do empreendedorismo inovador sob uma perspectiva de gênero.

Quanto às questões associadas ao perfil, destaca-se que nas duas primeiras questões (nome e e-mail) a resposta não era obrigatória, permitindo o anonimato; e todas as demais

questões exigiam respostas de múltipla-escolha.

Quanto às questões associadas às percepções, todas de caráter obrigatório, usou-se a escala Likert, cujo propósito é permitir que o indivíduo defina a gradação mais adequada ao seu grau de concordância, dentre as opções: concordo totalmente, concordo parcialmente, neutro, discordo parcialmente e discordo totalmente (AGUIAR et al., 2001).

Esta etapa da pesquisa obteve 22 respostas.

3.6 ENTREVISTA ESTRUTURADA

Entrevista é uma técnica para coleta de dados não documentados acerca de um determinado tema, através da interação social entre duas partes, em que uma busca obter dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GERHARDT, SOUZA, 2009).

Quanto ao escopo desta pesquisa, usou-se uma entrevista estruturada, com questões previamente estabelecidas e bastante diretivas, visando a complementaridade de resultados após o processo de análise do questionário.

Segundo Severino (2007), o uso de uma entrevista estruturada permite a obtenção de respostas mais facilmente categorizáveis, o que evidencia sua utilidade para o desenvolvimento de levantamentos sociais. Ou seja, através de sua aplicação é possível comparar as diferentes respostas (ou não) à mesma pergunta (GERHARDT, SOUZA, 2009).

Esta etapa da pesquisa obteve 05 respostas.

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Este quarto capítulo apresenta, analisa e discute os resultados.

4.1 REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

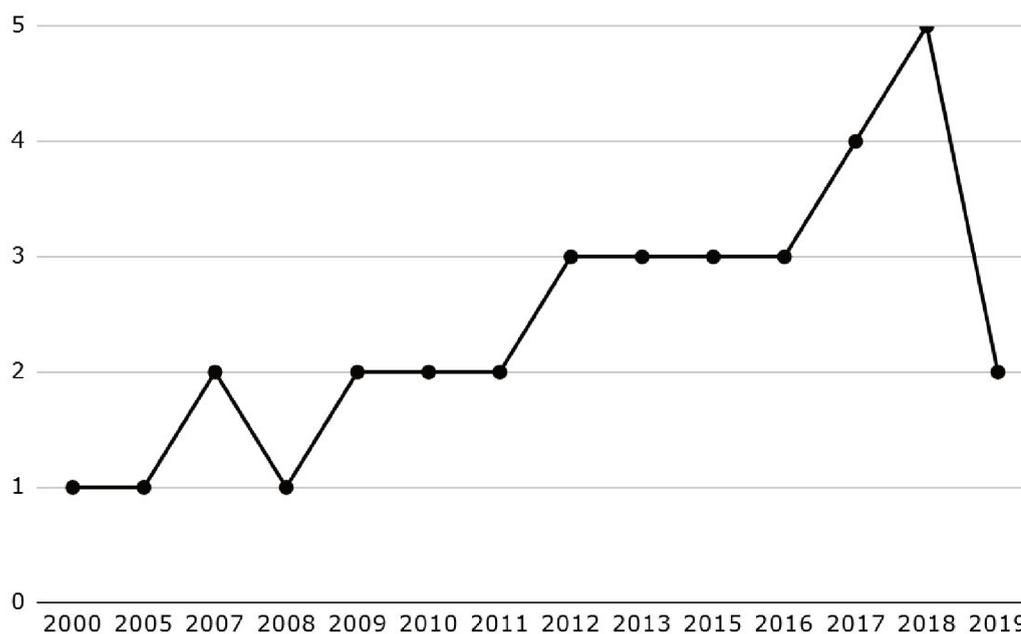
4.1.1 BIBLIOMETRIA

Este tópico apresenta análises bibliométricas referentes à revisão integrativa de literatura, considerando anos e países de publicação, meios para divulgação e palavras-chave.

O Gráfico 1 representa a distribuição conforme os anos de publicação, indicando um considerável aumento em pesquisas durante os últimos 10 anos.

Observa-se também um pico de 05 publicações durante o ano de 2018 e uma queda quanto ao ano de 2019, visto que engloba apenas os estudos publicados até maio deste ano.

Gráfico 1. Distribuição conforme ano de publicação.



Fonte: autora.

A Figura 5 representa o mapa com a distribuição de publicações em todo o mundo, destacando-se os países com mais publicações: Reino Unido (11) e Estados Unidos (8).

Figura 5. Distribuição conforme país de publicação.



Fonte: autora.

Quanto aos meios para divulgação (Quadro 4), observa-se 21 publicações em periódicos, nacionais e internacionais, 03 publicações em editora e 03 publicações em evento.

Quadro 4. Distribuição conforme meio para divulgação.

Meio de Divulgação	Responsável	Ocorrência
Periódico	Journal of Business Venturing; Gender, Technology and Development; Regional Studies; International Journal of Entrepreneurship and Small Business; International Small Business Journal; Entrepreneurship & Regional Development; International Journal of Gender and Entrepreneurship; Journal of Technology Management & Innovation; Social Science Research; Cross Cultural & Strategic Management; Revista Brasileira de Gestão de Negócios; Venture Capital; IIMB Management Review; Journal of Economy Culture and Society; Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy; Administrative Sciences; Journal of Small Business Management	1 (17)

	Journal of Business Research; International Entrepreneurship and Management Journal	2 (2)
	International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research; Entrepreneurship Theory and Practice	3 (2)
Editora	Emerald Group Publishing Limited	3 (1)
Evento	International Conference on Education and New Learning Technologies; IST-Africa	1 (2)
	Americas Conference on Information Systems	2 (1)

Fonte: autora.

Destaca-se também uma concentração de três publicações em dois periódicos e uma editora: i) International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research; ii) Entrepreneurship Theory and Practice; iii) Emerald Group Publishing Limited.

Finalmente, a distribuição conforme as palavras-chave (Figura 6) permite a observação de temas comuns e associados ao tema desta dissertação, destacando-se gênero, empreendedorismo, networking, inovação e alta tecnologia.

Figura 6. Distribuição conforme palavras-chave.



Fonte: autora.

4.1.2 MAPEAMENTO DE DESAFIOS

O mapeamento, conforme revisão integrativa de literatura, permitiu a identificação de 07 desafios principais: i) o acesso a recursos financeiros é limitado; ii) o ambiente é hostil para as mulheres; iii) existe dificuldade para fazer networking; iv) existe pressão social para manter equilíbrio entre trabalho e família; v) existe poucos modelos femininos; vi) existe falta de confiança em si mesma; e vii) o acesso à educação é limitado.

Esta pesquisa não considerou o último desafio mapeado, acesso limitado à educação, devido ao alto grau de escolaridade apresentado em respostas ao questionário aplicado: 68,2% tem pós-graduação (especialização, mestrado ou doutorado).

Quadro 5. Desafios mapeados conforme a revisão integrativa de literatura.

Desafio	Autor (Ano)
O acesso a recursos financeiros é limitado	Anna et al. (2000); Martin e Wright (2005); Mukhopadhyay e Nandi (2007); Amatuucci e Coleman (2007); Mayer (2008); Ezzedeem e Zikic (2012); Polkowska (2013); Tinkler et al. (2015); Kuschel et al. (2015); Berger e Kuckertz (2016); Arroyo et al. (2016); Xie e Lv (2017); Alakaleek e Cooper (2017); Aleidi e Chandran (2017); Chatterjee e Ramu (2017); Cansiz e Tekneci (2018); Weru et al. (2018); Demartini (2018); Vershinina et al. (2019)
O ambiente é hostil para as mulheres	Mayer (2008); Robert et al. (2009); McAdam e Marlow (2010); Marlow e McAdam (2011); Orser et al. (2012); Ezzedeem e Zikic (2012); Polkowska (2013); Marlow e McAdam (2013); Martin et al. (2015); Tinkler et al. (2015); Kuschel et al. (2015); Xie e Lv (2016); Xie e Lv (2017); Alakaleek e Cooper (2017); Chatterjee e Ramu (2017); Shukla et al. (2018); Weru et al. (2018); Bendell et al. (2019)
Existe dificuldade para fazer networking	Martin e Wright (2005); Mukhopadhyay e Nandi (2007); Hampton et al. (2009); Hampton et al. (2011); Falgren e Luppi (2012); Orser et al. (2012); McGowan et al. (2013); Polkowska (2013); Kuschel et al. (2015); Berger e Kuckertz (2016); Xie e Lv (2016); Alakaleek e Cooper (2017); Chatterjee e Ramu (2017); Cansiz e Tekneci (2018); Weru et al. (2018); Demartini (2018); Vershinina et al. (2019)
Existe pressão social para manter o equilíbrio entre trabalho e família	Anna et al. (2000); Mukhopadhyay e Nandi (2007); McAdam e Marlow (2010); Marlow e McAdam (2011); Orser et al. (2012); Ezzedeem e Zikic (2012); Polkowska (2013); Alakaleek e Cooper (2017); Cansiz e Tekneci (2018); Shukla et al. (2018)
Existe poucos modelos femininos	Robert et al. (2009); Wynarczyk e Marlow (2010); Orser et al. (2012); Polkowska (2013); Alakaleek e Cooper (2017); Shukla et al. (2018); Weru et al. (2018); Aleidi e Chandran (2018); Demartini (2018)
Existe falta de confiança em si mesma	Anna et al. (2000); Falgren e Luppi (2012); Orser et al. (2012); Aleidi e Chandran (2017); Shukla et al. (2018); Aleidi e Chandran (2018)
Existe acesso limitado à educação	Falgren e Luppi (2012); Chatterjee e Ramu (2017); Shukla et al. (2018); Demartini (2018)

Fonte: autora.

O Gráfico 2 representa a quantidade de artigos que cita cada um desses desafios.

Gráfico 2. Quantidade de artigos que cita cada desafio.



Fonte: autora.

4.2 QUESTIONÁRIO

O processo de análise de resultados do questionário abrangeu o uso do software Microsoft Power BI, que permite, através da inserção de dados em sua base, uma visualização holística de todas as respostas.

O questionário aplicado consistia em 16 questões, divididas em duas partes:

- i) mapeamento do perfil da empreendedora, incluindo nome e e-mail não obrigatórios;
- ii) percepção quanto aos desafios do empreendedorismo inovador sob uma perspectiva de gênero, baseando-se em mapeamento prévio da literatura.

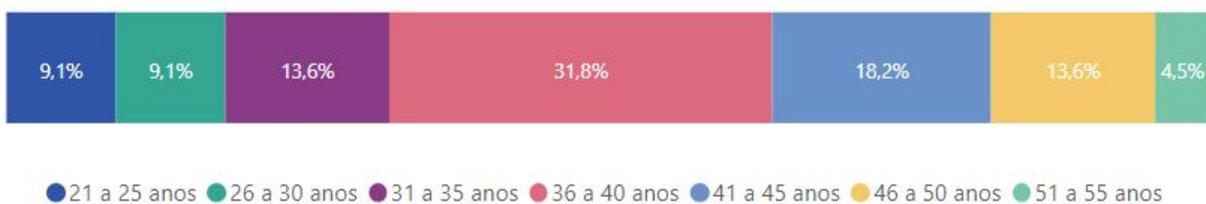
4.2.1 CARACTERIZAÇÃO DE PERFIL

Caracterizou-se um perfil baseado em indicadores mais comuns: 50% tem idade entre 36 e 45 anos; 63,6% é casada; 40,9% não tem filhos e 36,4% tem apenas um filho; 68,2% tem pós-graduação (especialização, mestrado ou doutorado); 68,2% não tem formação acadêmica associada com a área de tecnologia; 63,7% empreende em tecnologia há menos de 5 anos; 54,5% empreendeu em outra área antes; 95,5% é da Grande Florianópolis.

O Gráfico 3 representa as porcentagens quanto a cada perfil mapeado.

Gráfico 3. Caracterização de perfis mapeados.

3. Faixa Etária



4. Qual é o seu estado civil?



5. Quantos filhos você tem?



6. Qual é o seu nível de escolaridade?



7. Caso você tenha graduação ou pós-graduação, a sua formação acadêmica está associada com a área de tecnologia?



8. Quanto tempo você empreende na área de tecnologia?



9. Empreendeu em outra área antes?



10. Qual é a região em que você atua como empreendedora?



Fonte: autora.

4.2.2 IDENTIFICAÇÃO DE DESAFIOS

Ordenou-se cada desafio, conforme resultados do questionário, usando a soma de porcentagens das categorias *concordo parcialmente* e *concordo totalmente* (Quadro 6).

Devido ao seu caráter mais extremo, priorizou-se a categoria *concordo totalmente*.

Quadro 6. Desafios conforme resultado do questionário.

Índice	Desafio	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente	Total
1	Existe pressão social para manter o equilíbrio entre trabalho e família	18,2%	54,5%	72,7%
2	Existe poucos modelos femininos	36,4%	40,9%	77,3%
3	O acesso a recursos financeiros é limitado	27,3%	22,7%	50%
4	Existe falta de confiança em si mesma	36,4%	9,1%	45,5%
5	O ambiente é hostil para as mulheres	31,8%	4,5%	36,3%
6	Existe dificuldade para fazer networking	27,3%	4,5%	31,8%

Fonte: autora.

4.3 ENTREVISTA ESTRUTURADA

Este tópico apresenta o contexto do grupo Mulheres Acate e descrição de estratégias.

4.3.1 CONTEXTO DO GRUPO MULHERES ACATE

Depois da aplicação do questionário, Tatiana Takimoto, fundadora e articuladora do grupo Mulheres Acate, concordou em responder 04 perguntas via e-mail (Anexo D), posteriormente enviando as respostas via áudio do WhatsApp (Anexo F).

Quanto à primeira pergunta *como surgiu o grupo Mulheres Acate?*, Tatiana comentou que demorou cerca de um ano para que o grupo, de fato, se estabelecesse. O processo começou com a visita de uma vice-presidente da Intel, que questionou sobre as empreendedoras associadas a Acate. Tatiana, então, reuniu cerca de 8 empreendedoras para uma conversa com essa vice-presidente, criando, posteriormente um grupo no WhatsApp. Com a falta de tempo, o grupo permaneceu sem ações até início de 2018, quando o consulado americano entrou em contato informando sobre a visita de uma palestrante chamada Ingrid Vanderveldt, bastante reconhecida por seu fundo de investimentos exclusivo para mulheres. Nesse momento, percebeu-se uma oportunidade para o lançamento oficial do grupo Mulheres Acate e, desde então, as empreendedoras associadas começaram a se reunir mensalmente.

Quanto à segunda pergunta *quem participa do grupo?*, Tatiana informou que participa do grupo apenas empreendedoras ou colaboradoras de empresas associadas a Acate.

Quanto à terceira pergunta *quais os objetivos do grupo?*, Tatiana declarou que o objetivo inicial do grupo era dar mais visibilidade e empoderamento às mulheres, trazendo não apenas uma conselheira, Fernanda Bornhausen, ao quadro de direção da Acate, quanto convidando outras mulheres para as diretorias de verticais.

Então, num primeiro momento, o que eu quis com o grupo foi juntar essas mulheres, pra daí a gente começar a fazer algumas ações pra fomentar mais o empreendedorismo e pra trabalhar mais a questão da liderança das mulheres em empresas de tecnologia (TAKIMOTO, 2019).

Com o tempo, o objetivo do grupo ficou cada vez mais abrangente, visando também o desenvolvimento de uma cultura de que é necessária uma maior participação feminina em eventos de tecnologia, principalmente como palestrantes. Tatiana considera que, atualmente, evento que não têm mulheres como palestrantes é considerado machista.

Outro objetivo importante é a permanência de mulheres em empresas de tecnologia, visto a existência de diversos relatos de mulheres que desistiram de suas carreiras devido às dificuldades e pressão de um ambiente ainda bastante masculino. Nesse sentido, o grupo busca fazer com que os homens percebam sua parcela de responsabilidade.

Enfim, a gente sabe que acontece muitas coisas desagradáveis no meio. Então, a ideia é mudar a cultura, fazer com que os homens entendam também o que eles fazem e as consequências que trazem pras mulheres (TAKIMOTO, 2019).

Quanto à quarta e última pergunta *descreva a sua experiência como coordenadora do grupo Mulheres Acate*, Tatiana ressaltou que sua experiência teve início antes mesmo do lançamento oficial do grupo, buscando fomentar a participação de mulheres em eventos de tecnologia e empreendedorismo. Recentemente, devido à sua grande demanda de afazeres profissionais, Tatiana convidou as empreendedoras E1 e E4 como embaixadoras do grupo, com o objetivo de trazer mais agilidade às ações e, conseqüentemente, mais engajamento. Tatiana também mencionou que, inicialmente, fez bastante "barulho" para tornar o grupo mais conhecido em meio ao ecossistema da Acate, participando de vários eventos e promovendo o grupo sempre que tivesse espaço. Mais do que isso, Tatiana considera sua vivência junto ao grupo um verdadeiro aprendizado.

A gente aprende muito umas com as outras. Ali são todas líderes, então a gente aprende várias formas de liderança. E é isso. É um trabalho voluntário, é um trabalho que a gente faz com amor à causa e que a grande questão é juntar as mulheres. Entendeu? Juntar, deixar falar, deixar com que elas se sintam à vontade também pra falar o que elas quiserem (TAKIMOTO, 2019).

4.3.2 DESCRIÇÃO DE ESTRATÉGIAS

Usando como critério sua disponibilidade, selecionou-se também quatro empreendedoras para participar da etapa de entrevistas. Essa entrevista consistia em 08 perguntas enviadas via e-mail (Anexo B) e, durante a análise de resultados dessa etapa, percebeu-se algumas similaridades entre as respostas, conforme descrito abaixo.

Quanto à **motivação** para o empreendedorismo de base tecnológica, percebe-se que a inovação é um ponto-chave entre as motivações de três empreendedoras.

[...] Minha aproximação com a tecnologia dá-se pela forma como ela promove inovação constante e foco na resolução de problemas (E1).

Querer fazer algo novo e grande que veio de uma ideia minha (E3).

Minha empresa tem um norte na inovação, que foi querer fazer a diferença (E4).

Quanto ao **momento marcante** em sua trajetória como empreendedora, todas as quatro empreendedoras destacaram momentos relativos ao crescimento de suas empresas.

[...] cada etapa vencida da empresa vira um momento marcante. [...] quando meus sócios e eu decidimos que eu seria a CEO da empresa, decidimos isso ainda montando nosso pitch deck e foi muito simbólico, como não sou sócia fundadora, isso marcou a validação real da minha entrada na empresa e a visão que vínhamos construindo juntos (E1).

Sem dúvida o fechamento do meu primeiro contrato, 48 horas depois de estruturar meu negócio em um PMCanvas (E2).

O momento que testei o MVP da minha startup pela primeira vez e vi funcionando como havíamos pedido (E3).

A mudança da minha empresa, que passou a ser focada exclusivamente no setor da construção civil, em 2017 (E4).

Quanto à **pressão social para manter equilíbrio entre trabalho e família**, três empreendedoras destacaram que é muito importante definir um tempo específico para a família, inclusive priorizando esse tempo tanto quanto uma atividade de trabalho.

[...] Evitando trabalhar todos os dias, e separando horários específicos para cada coisa (E1).

[...] Eu planejo minhas atividades e coloco horário para cada uma delas. Depois de executadas eu dedico meu tempo para meus afazeres familiares e pessoais [...] (E2).

[...] Entendi que tem ser uma prioridade, tanto quantas as tarefas do trabalho. Coloco na agenda se preciso e assim consigo executar também (E4).

Uma empreendedora mencionou que o fato de sua família morar em outro estado facilita esse processo.

Não tenho filhos, e minha família mora no RS. Então, acabo indo duas vezes ao ano para lá apenas (E3).

Quanto ao *acesso a recursos financeiros*, duas empreendedoras usaram recursos financeiros externos.

[...] No ano passado vendemos parte da empresa para receber investimento para escalar nossos produtos e criar uma nova solução alinhada com a necessidade do mercado e do investidor (E1).

Ganhando competições, como Hackathon [...] (E3).

Um empreendedora afirmou ter usado apenas recursos próprios.

Sempre usei recursos próprios (E4).

Outras duas empreendedoras afirmaram que os recursos financeiros iniciais eram resultado do faturamento da própria empresa e que parte do lucro era reinvestido.

Minha empresa fatura desde o primeiro mês de sua fundação através de prestação de serviço. Por anos investimos os lucros da prestação de serviço para produção de produtos e soluções próprias, e buscamos parcerias estratégicas. [...] (E1).

Nunca recorremos a recursos externos, os investimentos foram frutos do próprio trabalho empregado ao longo dos anos, reinvestindo o valor que sobrava (E2).

Quanto à *falta de confiança e hostilidade do ambiente*, todas as quatro empreendedoras mencionaram situações de preconceito ou assédio nem sempre explícitos.

Sofri preconceitos velados e até cometidos sem intenção como: sentar em uma mesa como a diretora de empresa e as perguntas serão dirigidas diretamente a um homem da equipe com cargo inferior, ver isso continuar acontecendo mesmo depois de responder todas as perguntas e o colega repetidamente explicar que sou eu que cuido dessa parte [...] (E1).

E2: Nunca houve um preconceito explícito, mas sim, é perceptível um preconceito velado em alguns casos (E2).

E3: Fui me pronunciar a um cargo dentro de uma Startup, concorrendo com um outro rapaz [...] para um cargo de gerenciamento do operacional de uma empresa de tecnologia. E um rapaz, falou que seria mais seguro colar o menino X neste posto, pois este rapaz não tinha certeza se eu seria firme o suficiente para demitir alguém. Além de afirmar que minhas melhores habilidades são lidando com pessoas então eu deveria ser gerente do RH (E3).

Não diria preconceito, mas assédio. O fato de ser mulher, loira, alta, olhos verdes, magra, e mesmo cuidando para a beleza não chegar primeiro, muitas vezes sentia (de cara) um preconceito em prol disso. Fora os olhares maliciosos (E4).

Como estratégias, duas empreendedoras afirmaram não apenas esclarecer as situações, como também conscientizar sobre as atitudes preconceituosas.

[...] Normalmente eu faço algum comentário direto sobre o fato. Corrigindo e falando: eu que sou a diretora da empresa e você está me ofendendo agindo assim, ou algo do tipo (E1).

Eu tentei retomar a conversa sobre isso, e fazer perguntas para ver se a pessoa entendeu o que ela fez e então dizer que este não é um bom caminho, ou uma prática correta (E3).

Uma empreendedora acredita que mostrar resultados é um modo de combater esse tipo de preconceito.

[...] Quando acontece eu avalio e apresento meus valores e resultados. Não me vitimizo e nem utilizo exemplos como esses para criar desculpas ou justificar alguma deficiência. Procuro sempre pensar pelo lado da meritocracia, ou seja, meu valor é calculado pela qualidade da minha entrega e do meu legado comparado a outros profissionais do mesmo nível, independentemente de serem homens ou mulheres (E2).

Outra empreendedora informou que sempre buscou mostrar seriedade, tanto em suas roupas quanto em seu comportamento e, em alguns casos, preferiu não dar continuidade em contratos devido a situações de assédio.

[...] Isso tudo, de certa forma, fez com que eu sempre cuidasse muito bem da minha roupa (mais masculina por muito tempo, hoje mais tranquilo) e do meu comportamento, sempre mostrando seriedade. Já não dei continuidade em contrato por sofrer assédio (E4).

Quanto ao *networking*, percebe-se que a participação em eventos é uma constante para todas as quatro empreendedoras entrevistadas.

[...] eventos do mercado nacionais e internacionais, eventos das verticais de negócio da acate, do grupo mulheres [...] (E1).

[...] eventos de tecnologia em geral (E2).

Indo em eventos da área de startup [...] (E3).

[...] faço palestras, LIVE, Webinar, entre outros eventos [...] (E4).

Duas empreendedoras mencionaram especificamente o uso do associativismo, durante o processo de networking.

E1: Através da associação (ACATE, ABRAGAMES, SANTACINE) [...] (E1).

Eu uso parte do meu tempo no associativismo, o que me gera muitas conexões (E4).

Quanto às *contribuições do ecossistema, especialmente do grupo Mulheres Acate*, três empreendedoras afirmaram que a troca de experiências é uma das principais contribuições do grupo.

[...] O grupo mulheres traz uma nova oportunidade de compartilhar os casos de sucesso, saber dos desafios das outras líderes [...] (E1).

Sem sombra de dúvidas a visibilidade e a troca de experiência. Já fui muito engajada em vários voluntariados, mas atualmente, eu penso que é necessário haver uma troca mútua. Isso é um critério de aceitação para saber quais movimentos eu devo participar (E2).

A troca de experiências e conversas que rendem muito aprendizado [...] (E3).

Duas empreendedoras mencionaram que o grupo também permite inspirar umas às outras e trazer crescimento para suas empresas.

[...] compartilhar como a empresa que lidero conquistou dois selos de diversidade do Brasil concedido pela ABRAGAMES, um deles como empresa do segmento (games) que mais emprega mulheres proporcionalmente (50 por cento - 11 mulheres de um time de 22). Espero inspirar outras empresas e mostrar que diversidade traz rentabilidade e produtos melhores e mais inovadores (E1).

[...] Além do networking para crescer ainda mais com o meu empreendimento (E3).

Esse projeto é muito especial para mim. Não apenas por ser Embaixadora, mas sinto que consigo liderar bem todas, mostrando que é possível quando nos unimos (E4).

Quanto ao *maior desafio como empreendedora*, todas as empreendedoras citaram desafios comuns ao cotidiano de empreendedores em tecnologia e não referentes à gênero.

Em específico na área de tecnologia é sem dúvida a parte comercial. Nossos produtos/serviços são específicos e muitas vezes difíceis de serem compreendidos [...] (E2).

[...] traduzir o que o cliente quer, (os problemas que ele quer resolvido), de forma eficiente aos programadores, para entregar o produto sem bugs ao cliente (E3).

[...] o maior desafio é tirar tempo para tomar decisões de forma assertivas, bem informada e sem se deixar levar para a pressão do imediatismo (E1).

É distinguir as mudanças e as informações [...] (E4).

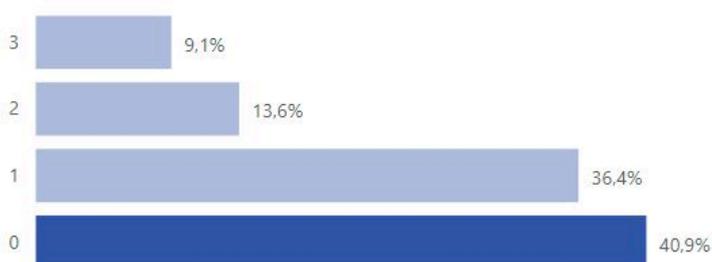
Observa-se que, devido ao ecossistema e à participação em uma comunidade de prática (WENGER, 1998), o grupo Mulheres Acate, o mapeamento de perfis, desafios e estratégias difere relativamente daquele encontrado através da revisão de literatura.

4.4 ANÁLISE COMPARATIVA

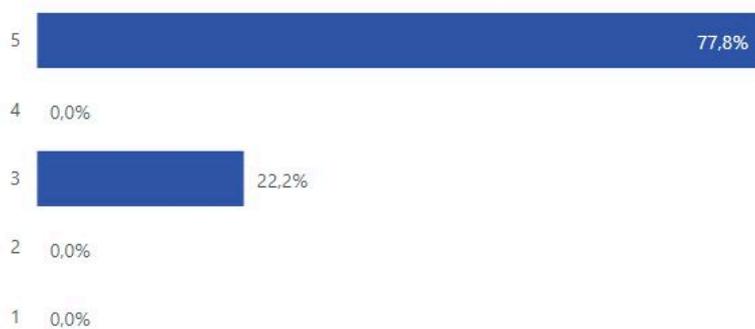
Embora a literatura afirme que a "pressão social para manter equilíbrio entre trabalho e família" esteja bastante associada ao cuidado com os filhos, observou-se que de 40,9% que não tem filhos, 77,8% *concorda totalmente* com esse desafio.

Isso demonstra que o grupo considera outros fatores de impacto quanto a esse desafio.

5. Quantos filhos você tem?



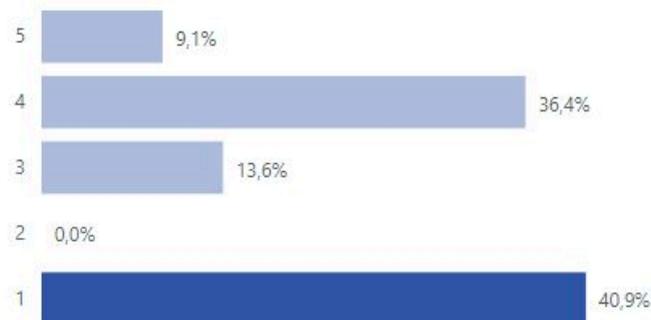
16. Existe pressão social para manter o equilíbrio entre trabalho e família.



Mapeou-se o desafio "existe falta de confiança em si mesma" em 06 artigos, conforme a revisão integrativa de literatura; todavia, durante o processo de análise de resultados do questionário, observou-se bastante discordância quanto a esse desafio (40,9%).

É possível que isso esteja associado à realidade específica do grupo, uma vez que 88,8% tem pós-graduação e 77,7% empreendeu em outra área antes.

15. Existe falta de confiança em si mesma.



6. Qual é o seu nível de escolaridade?



9. Empreendeu em outra área antes?



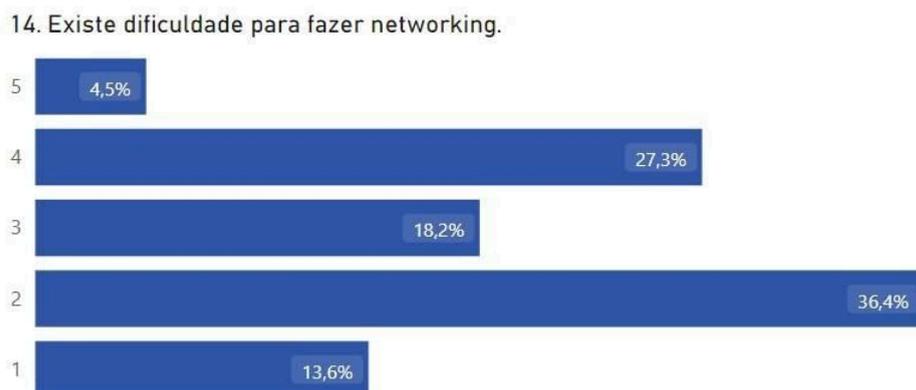
Outra divergência interessante é quanto ao "ambiente hostil para as mulheres", mapeado em 18 artigos, representando o segundo desafio mais citado entre os 34 artigos analisados, durante a revisão integrativa de literatura.

Todavia, o resultado do questionário indica uma distribuição homogênea quanto ao grau de concordância e que esse é o desafio com mais índice de abstenção (27,3%).



Evidenciou-se também uma discordância significativa quanto ao desafio "existe dificuldade para fazer networking", mapeado em 17 artigos e objeto único de análise em 04 artigos (HAMPTON et al., 2009 e 2011; MCGOWAN et al., 2013; XIE, LV, 2016).

O resultado do questionário indica que esse é o desafio menos crítico às empreendedoras do grupo, uma vez que 50% afirmou que isso não é um problema; observou-se, durante a etapa de análise da entrevista estruturada, que talvez isso esteja associado ao ecossistema que favorece a troca de experiências.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender os desafios do empreendedorismo inovador sob uma perspectiva de gênero, usando o contexto de uma comunidade de prática, o grupo Mulheres Acate, composto de 40 mulheres empreendedoras em tecnologia.

Usou-se os seguintes procedimentos metodológicos: i) revisão integrativa de literatura, para mapeamento de desafios e estudos acerca do tema; ii) observação participante, para permitir à pesquisadora mais contato com a realidade do objeto de estudo; iii) questionário, para caracterizar o perfil do grupo e seus desafios; e iv) entrevista estruturada, para descrever as estratégias usadas para superar esses desafios.

Quanto ao objetivo específico *mapear os desafios de mulheres empreendedoras em tecnologia*, esta pesquisa indicou sete desafios: i) o acesso a recursos financeiros é limitado; ii) o ambiente é hostil para as mulheres; iii) existe dificuldade para fazer networking; iv) existe pressão social para manter equilíbrio entre trabalho e família; v) existe poucos modelos femininos; vi) existe falta de confiança em si mesma; vii) o acesso à educação é limitado.

Quanto ao objetivo específico *caracterizar o perfil de mulheres empreendedoras*, esta pesquisa indicou que metade das empreendedoras do grupo Mulheres Acate tem idade entre 36 e 45 anos, mais de metade empreende em tecnologia menos de cinco anos, é casada e não tem ou tem apenas um filho, tem pós-graduação, mas sem formação acadêmica associada à área de tecnologia. Devido à localização da Acate e às atividades do grupo, apenas uma empreendedora não atua em Florianópolis.

Quanto ao objetivo específico *identificar os desafios de mulheres empreendedoras*, o grupo pesquisado apresentou algumas discordâncias quanto aos desafios mapeados, considerando que a pressão social para manter equilíbrio entre trabalho e família é o desafio mais crítico e dificuldade para fazer networking é o desafio menos crítico; o grupo também apresentou um grau elevado de escolaridade, visto que 62,8% tem pós-graduação.

Quanto ao objetivo específico *descrever as estratégias usadas para superar esses desafios*, indicou-se o uso de recursos financeiros próprios e participação em competições, associativismo e participação em eventos como facilitadores para o networking, divisão de tempo específico para trabalho e família e conscientização quanto às situações de preconceito.

Enfim, com o alcance de cada objetivo específico, compreendeu-se os desafios do empreendedorismo inovador sob uma perspectiva de gênero, objetivo geral desta pesquisa.

Quanto às pesquisas futuras, sugere-se: i) estudo de outros grupos de mulheres, inseridos em outros contextos; ii) estudos comparativos entre diferentes grupos de mulheres ou, até mesmo, com empreendedores homens; iii) estudos com indicadores de faturamento; iv) uso de outros procedimentos metodológicos, para generalização de resultados.

REFERÊNCIAS

ACATE. **Observatório Acate**. 2018.

AGUIAR, B. et al.. Uso da Escala Likert na Análise de Jogos. **Anais do X Simpósio Brasileiro de Games e Entretenimento Digital, Salvador**, 2011.

AIRES, J. et al.. Barreiras que Impedem a Opção das Meninas pelas Ciências Exatas e Computação: Percepção de Alunas do Ensino Médio. In: **12º Women in Information Technology (WIT 2018)**. SBC, 2018.

ALAKALEEK, W.; COOPER, S. Y.. The Female Entrepreneurs Financial Networks: Accessing Finance for the Emergence of Technology-Based Firms in Jordan. **Venture Capital**, v. 20, n. 2, p. 137-157, 2018.

ALEIDI, A.; CHANDRAN, D.. Technological and Institutional Perspectives of Women's IT Entrepreneurial Intention in Saudi Arabia. 2017.

ALEIDI, A.; CHANDRAN, D.. Budding Female IT Entrepreneurs in Saudi Arabia: Impact of IT and Institutional Environment. 2018.

AMATUCCI, F. M.; COLEMAN, S.. Radha Jalan and ElectroChem, Inc.: Energy for a Clean Planet. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 31, n. 6, p. 971-989, 2007.

ANNA, A. L. et al. Women Business Owners in Traditional and Non-Traditional Industries. **Journal of Business Venturing**, v. 15, n. 3, p. 279-303, 2000.

ARROYO, M. R. et al.. An International Study of the Factors Explaining High-Growth Expectation in New Ventures: A Gender Perspective. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 18, n. 60, p. 171, 2016.

BAUMOL, W. J.. **The Microtheory of Innovative Entrepreneurship**. Princeton University, 2010.

BENDELL, B. L. et al.. A Gender-Aware Study of Self-Leadership Strategies Among High-Growth Entrepreneurs. **Journal of Small Business Management**, v. 57, n. 1, p. 110-130, 2019.

BERGER, E. S. C.; KUCKERTZ, A.. Female Entrepreneurship in Startup Ecosystems Worldwide. **Journal of Business Research**, v. 69, n. 11, p. 5163-5168, 2016.

BRAUM, L. M.; NASSIF, V. M. J.. Estrutura Intelectual da Produção Científica sobre Propensão ao Empreendedorismo: Uma Análise à Luz das Citações. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 19, n. 3, p. 422-468, 2018.

- CANSIZ, M.; TEKNECI, P. D.. Innovative and Technology-Based Women Entrepreneurs in Turkey: Capital and Performance. **Journal of Economy Culture and Society**, n. 57, p. 151-183, 2018.
- CANTILLON, R.. *Essai sur la Nature du Commerce en Général*, London, 1931.
- CARLSSON, B. et al.. Knowledge Creation, Entrepreneurship, and Economic Growth: A Historical Review. **Industrial and Corporate Change**, v. 18, n. 6, p. 1193-1229, 2008.
- CAVALCANTI, F. R.. *Processo de Empreendedorismo Inovador no Polo Tecnológico de Florianópolis no Período de 1987 a 2012*. 2013.
- CHATTERJEE, C.; RAMU, S.. Gender and its Rising Role in Modern Indian Innovation and Entrepreneurship. **IIMB Management Review**, v. 30, n. 1, p. 62-72, 2018.
- CRESWELL, J. W.. Mapping the Developing Landscape of Mixed Methods Research. **SAGE Handbook of Mixed Methods in Social & Behavioral Research**, v. 2, p. 45-68, 2010.
- CRUDU, R.. *The Role of Innovative Entrepreneurship in the Economic Development of EU Member Countries*. 2019.
- CUNHA, L. C. et al.. Plataforma para Classificação da Amigabilidade de Gênero das Empresas de Tecnologia da Informação do Município de Belo Horizonte. In: **12º Women in Information Technology (WIT 2018)**. SBC, 2018.
- DAVID, H. H.. *Entrepreneurship: New Venture Creation*. 2004.
- DEMARTINI, P.. Innovative Female-Led Startups. Do Women in Business Underperform?. **Administrative Sciences**, v. 8, n. 4, p. 70, 2018.
- DORNELAS, J. C. A.. **Empreendedorismo**. Elsevier Brasil, 2008.
- DUARTE, A. C. C.. *Análise do Processo de Inovação em Empresas de Base Tecnológica: Estudo no Pólo Tecnológico de Florianópolis*. **Programa de Pós-Graduação em Administração**, 2013.
- EIGE. **Time to Get More Women in Tech**. 2018.
- EIT. **Women Entrepreneurship and Leadership**. 2018.
- EPOCA. **Por que há menos mulheres no setor de tecnologia?** 2015.
- ERCOLE, F. F. et al.. Integrative Review versus Systematic Review. **Rev Min Enferm**, v. 18, n. 1, p. 1-260, 2014.
- EXAME. **Mulheres têm 20% de empregos na tecnologia**. 2018.

EZZEDEEN, S. R.; ZIKIC, J.. Entrepreneurial Experiences of Women in Canadian High Technology. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, v. 4, n. 1, p. 44-64, 2012.

FALGREN, K. H.; LUPPI, E.. Empowering Women Through Vocational Training Methodologies and First Results of the Leonardo Project "Empowering Women", 2012.

FALTIN, G.. Creating a Culture of Innovative Entrepreneurship. **Journal of International Business and Economy**, v. 2, n. 1, p. 123-140, 2001.

FIATES, J. E. A.. Influência dos Ecossistemas de Empreendedorismo Inovador na Indústria de Venture Capital: Estratégias de Apoio às Empresas Inovadoras. 2014.

FLEURY, M. T. L.; WERLANG, S.. **Pesquisa Aplicada**. 2019.

FORBES. **Why We Need More Women In Technology**. 2014.

GALILEU. **Somente 14% da Academia Brasileira de Ciências são mulheres**. 2018.

GEDI. **Global Entrepreneurship Development Institute**. 2018.

GEM. **Global Entrepreneurship Monitor**. 2019.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T.. **Métodos de Pesquisa**. Plageder, 2009.

GIL, A. C.. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. **São Paulo**, v. 5, n. 61, p. 16-17, 2002.

HAMPTON, A. et al.. Female Entrepreneurial Networks and Networking Activity in Technology-Based Ventures: An Exploratory Study. **International Small Business Journal**, v. 27, n. 2, p. 193-214, 2009.

HAMPTON, A. et al.. Developing Quality in Female High-Technology Entrepreneurs' Networks. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 17, n. 6, p. 588-606, 2011.

HEERDT, M. L.; LEONEL, V.. Metodologia Científica e da Pesquisa: Livro Didático. **Palhoça: UnisulVirtual**, 2006.

HERRMANN, A. M.. A Plea for Varieties of Entrepreneurship. **Small Business Economics**, v. 52, n. 2, p. 331-343, 2019.

HISRICH, R. D.. et al.. **Empreendedorismo**. Artmed, 2009.

IAB. **A Liderança Alfa e as Empresas de TI no Universo Feminino**. 2015.

ISACA. **Women in Tech: By the Numbers**. 2017.

KAUTNICK, A. M.. **Challenges and Limitations of Women Entrepreneurs in Technology**. São Paulo: 16th SGBED Conference Proceedings, 2019.

KIRZNER, I. M.. **Competition and Entrepreneurship**. University of Chicago Press, 2015.

KOELLINGER, P.. Why are some entrepreneurs more innovative than others?. **Small Business Economics**, v. 31, n. 1, p. 21, 2008.

KUSCHEL, K. et al. Entrepreneurial Funding Challenges for Latin American Women Start-up Founders. 2015.

LIMAS, G. N.. **Mulheres Colaboradoras em Empresas de Tecnologia e os Processos de Aprendizagem do Empreendedorismo: Um Estudo de Caso na ACATE**. 2017. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, SC.

MACEDO, M. M. G. et al.. Identificando Influências na Escolha de uma Graduação em Exatas: Um Estudo Qualitativo e Comparativo de Gênero. In: **12º Women in Information Technology (WIT 2018)**. SBC, 2018.

MARLOW, S.; MCADAM, M.. Analyzing the Influence of Gender upon High–Technology Venturing within the Context of Business Incubation. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 36, n. 4, p. 655-676, 2011.

MARLOW, S.; MCADAM, M.. Incubation or Induction? Gendered Identity Work in the Context of Technology Business Incubation. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 39, n. 4, p. 791-816, 2013.

MARTES, A. C. B.. Weber e Schumpeter: A Ação Econômica do Empreendedor. **Revista de Economia Política**, v. 30, n. 2, p. 254-270, 2010.

MARTIMIANO, L. A. F. et al.. Um Estrato do Perfil das Profissionais de TIC na Cidade de Maringá-PR. In: **12º Women in Information Technology (WIT 2018)**. SBC, 2018.

MARTIN, L. M.; WRIGHT, L.. No Gender in Cyberspace? Empowering Entrepreneurship and Innovation in Female-Run ICT Small Firms. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 11, n. 2, p. 162-178, 2005.

MARTIN, L. et al. An Unusual Job for A Woman? Female Entrepreneurs in Scientific, Engineering and Technology Sectors. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 21, n. 4, p. 539-556, 2015.

MARTINS, C.. O Papel das Incubadoras de Empresas do Polo Tecnológico de Florianópolis no Desenvolvimento do Processo de Empreendedorismo Inovador. 2013.

MAYER, H.. Segmentation and Segregation Patterns of Women-Owned High-Tech Firms in Four Metropolitan Regions in the United States. **Regional Studies**, v. 42, n. 10, p. 1357-1383, 2008.

MAYHEW, M. J. et al.. Exploring Innovative Entrepreneurship and its Ties to Higher Educational Experiences. **Research in Higher Education**, v. 53, n. 8, p. 831-859, 2012.

MCADAM, M.; MARLOW, S.. Chapter 4 Female Entrepreneurship in the Context of High Technology Business Incubation: Strategic Approaches to Managing Challenges and Celebrating Success. In: **Innovating Women: Contributions to Technological Advancement**. Emerald Group Publishing Limited, p. 55-75, 2010.

MCGOWAN, P. et al.. Developing Quality in Networks: The Experience of Male and Female Entrepreneurs in New Technology-Based Ventures. In: **New Technology-Based Firms in the New Millennium**. Emerald Group Publishing Limited, p. 71-94, 2013.

MILL, J. S.. Principles of Political Economy. **London, England: John W. Parker**, 1848.

MOORE, C. F.. Understanding Entrepreneurial Behavior: A Definition and Model. In: **Academy of Management Proceedings**. Briarcliff Manor, NY 10510: Academy of Management, p. 66-70, 1986.

MORRIS, M. et al.. **Corporate Entrepreneurship & Innovation**. Cengage Learning, 2010.

NATIVIDADE, D. R.. Empreendedorismo Feminino no Brasil: Políticas Públicas sob Análise. **Revista de Administração Pública**, v. 43, n. 1, p. 231-256, 2009.

NGULUBE, P.. Trends in Research Methodological Procedures Used in Knowledge Management Studies. **African Journal of Library, Archives and Information Science**, v. 25, n. 2, p. 125-143, 2015.

ONU. **Women and Technology: Figures & Disconnects**. 2016.

ORSER, B. et al.. Perceived Career Challenges and Response Strategies of Women in the Advanced Technology Sector. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 24, n. 1-2, p. 73-93, 2012.

PARK, J. S. Opportunity Recognition and Product Innovation in Entrepreneurial High Tech Startups: A New Perspective and Supporting Case Study. **Technovation**, v. 25, n. 7, p. 739-752, 2005.

PEGN. **Minoria, mulheres buscam liderar negócios de inovação e tecnologia**.

PERISSÉ, A. R. S. Revisões Sistemáticas e Diretrizes Clínicas. **Rio de Janeiro: Reichmann e Afonso**, 2001.

POLKOWSKA, D.. Women Scientists in the Leaking Pipeline: Barriers to the Commercialisation of Scientific Knowledge by Women. **Journal of Technology Management & Innovation**, v. 8, n. 2, p. 156-165, 2013.

PPGEGC. **Engenharia e Gestão do Conhecimento**. 2019.

ROBERT, F. et al. Entrepreneurship in Emerging High-Tech Industries: ICT Entrepreneurs Between Experts and Kamikazes. **International Journal of Entrepreneurship and Small Business**, v. 7, n. 3, p. 258-283, 2009.

RUDIO, F. V.. Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SAY, J. B.. **A Treatise on Political Economy: Or the Production, Distribution, and Consumption of Wealth**. Grigg & Elliot, 1836.

SARKAR, S.. O Empreendedor Inovador: Faça Diferente e Conquiste seu Espaço no Mercado. **Rio Janeiro: Elsevier**, 2008.

SEVERINO, A. J.. Metodologia do Trabalho Científico. **São Paulo**, 2007.

SHANE, S.; VENKATARAMAN, S.. The Promise of Entrepreneurship as a Field of Research. **Academy of Management Review**, v. 25, n. 1, p. 217-226, 2000.

SHUKLA, T. et al.. Traversing the Women Entrepreneurship in South Asia: A Journey of Indian Startups Through Lucite Ceiling Phenomenon. **Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy**, v. 12, n. 1, p. 50-66, 2018.

SILVA, J. B. et al.. Estratégias para Permanência e Êxito de Estudantes Mulheres em Cursos Superiores de Tecnologia da Informação e Comunicação. In: **12º Women in Information Technology (WIT 2018)**. SBC, 2018.

SMITH, A. Inquiry into the Wealth of Nations. Strahan and Cadell, London, p. 1-11, 1776.

SOFTEX. Atuação da Mulher no Mercado de Trabalho Formal Brasileiro em Tecnologia da Informação. 2017.

SWEDBERG, R.. **The Social Science View of Entrepreneurship: Introduction and Practical Applications**. Entrepreneurship and Small Business Research Institute (ESBRI), 2000.

TEARE, G.. **In 2017, only 17% of startups have a female founder**. 2017.

TIMMONS, J. A.; SPINELLI, S.; TAN, Y.. **New Venture Creation: Entrepreneurship for the 21st Century**. Burr Ridge, IL: Irwin, 1994.

TINKLER, J. E. et al.. Gender and Venture Capital Decision-Making: The Effects of Technical Background and Social Capital on Entrepreneurial Evaluations. **Social Science Research**, v. 51, p. 1-16, 2015.

TORRACO, R. J. Writing Integrative Literature Reviews: Guidelines and Examples. **Human Resource Development Review**, v. 4, n. 3, p. 356-367, 2005.

VERSHININA, N. et al.. Gaining Legitimacy Through Proactive Stakeholder Management: The Experiences of High-Tech Women Entrepreneurs in Russia. **Journal of Business Research**, 2019.

WENGER, E.. Communities of Practice: Learning as a Social System. **Systems thinker**, v. 9, n. 5, p. 2-3, 1998.

WENTLING, R. M.; PALMA-RIVAS, N.. Current Status and Future Trends of Diversity Initiatives in the Workplace: Diversity Experts' Perspective. **Human Resource Development Quarterly**, v. 9, n. 3, p. 235-253, 1998.

WERU, T. et al. Promoting Women ICT Start-Ups to Accelerate Women's Economic Empowerment: A Case of Strathmore University-@ iBizAfrica. In: **2018 IST-Africa Week Conference (IST-Africa)**. IEEE, 2018.

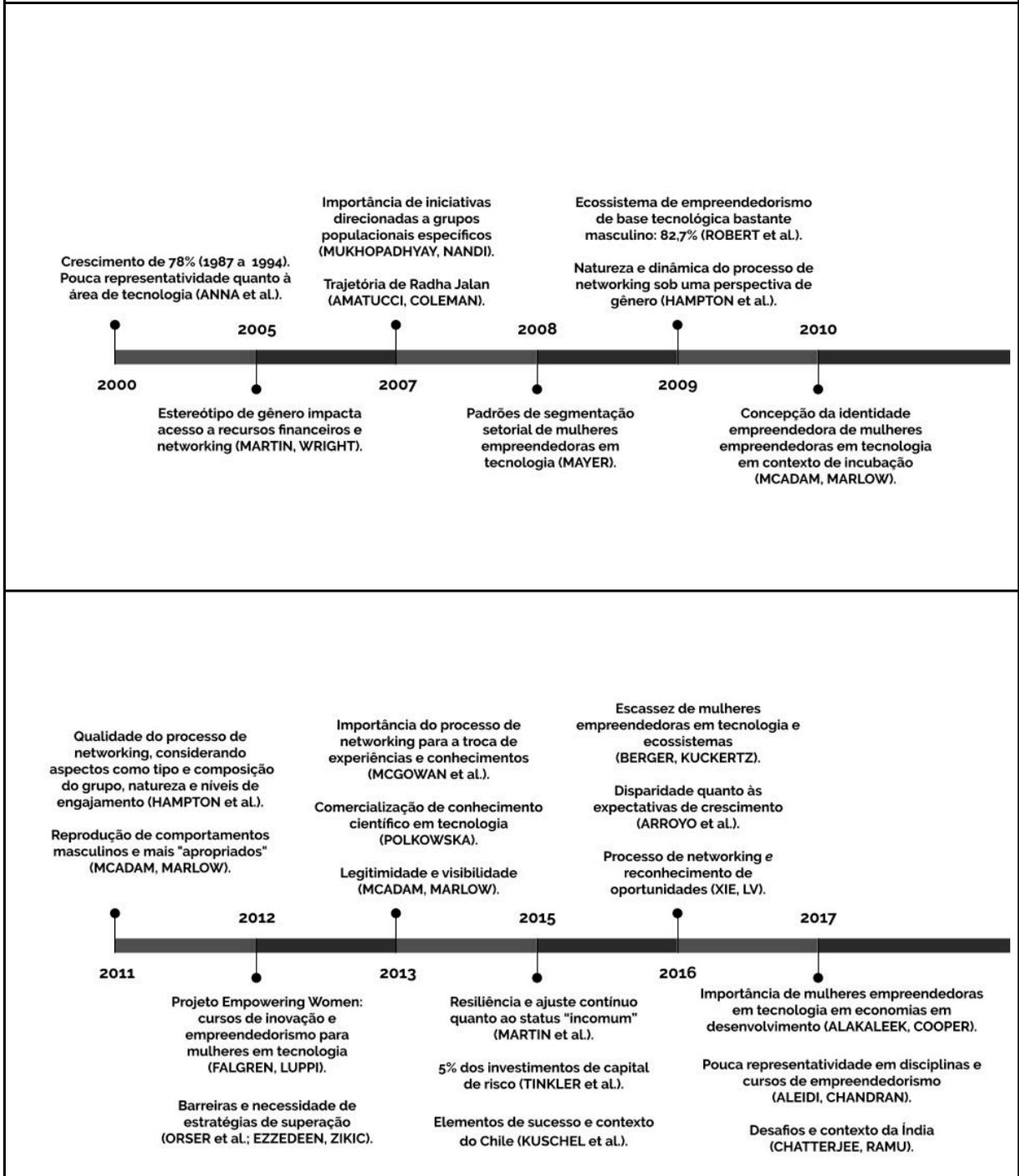
WYNARCZYK, P.; MARLOW, S.. Chapter 9 Celebrating Achievement and Innovation: Case Studies of Successful Women Scientists. In: **Innovating Women: Contributions to Technological Advancement**. Emerald Group Publishing Limited, p. 183-207, 2010.

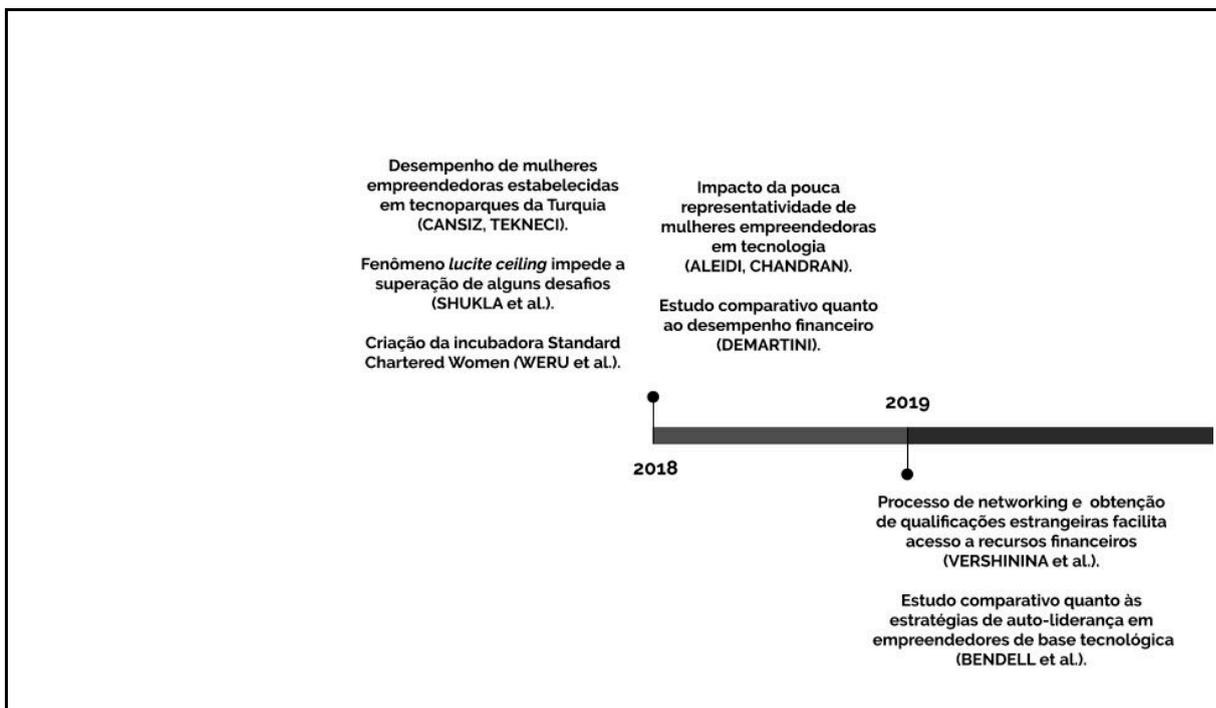
XIE, X.; LV, J.. Social Networks of Female Tech-Entrepreneurs and New Venture Performance: The Moderating Effects of Entrepreneurial Alertness and Gender Discrimination. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 12, n. 4, p. 963-983, 2016.

XIE, X.; LV, J.. Female Technology Entrepreneurs: Resource Shortages and Reputation Challenges: A View of Institutional Support. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 14, n. 2, p. 379-403, 2018.

ZSUZSANNA, S. K.; HERMAN, E.. Innovative Entrepreneurship for Economic Development in EU. **Procedia Economics and Finance**, v. 3, p. 268-275, 2012.

ANEXO A. Linha do tempo da revisão de literatura.





ANEXO B. Questionário de mapeamento.

Questionário de Mapeamento

Este questionário faz parte de uma pesquisa de mestrado, que visa compreender o empreendedorismo inovador sob uma perspectiva de gênero. Os dados informados não serão usados para outra finalidade.

***Obrigatório**

1. 1. Qual é o seu nome? (não obrigatório)

2. 2. Qual é o seu e-mail? (não obrigatório)

3. 3. Qual é a sua data de nascimento? *

Exemplo: 15 de dezembro de 2012

4. 4. Qual é o seu estado civil? *

Marcar apenas uma oval.

- Solteira
 Casada
 Divorciada
 Viúva

5. 5. Quantos filhos você tem? *

Marcar apenas uma oval.

- 0
 1
 2
 3+

6. 6. Qual é o seu nível de escolaridade? *

Marcar apenas uma oval.

- Ensino Fundamental
 Ensino Médio
 Graduação
 Pós-Graduação (Especialização, Mestrado, Doutorado)

7. 7. Caso você tenha graduação ou pós-graduação, a sua formação acadêmica está associada com a área de tecnologia? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

8. 8. Quanto tempo você empreende na área de tecnologia? *

Marcar apenas uma oval.

- 2 anos ou menos
 Entre 2 e 5 anos
 Entre 5 e 10 anos
 10 anos ou mais

9. 9. Empreendeu em outra área antes? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

10. 10. Qual é a região em que você atua como empreendedora? *

Marcar apenas uma oval.

- Grande Florianópolis
 Vale do Itajaí
 Norte Catarinense
 Oeste Catarinense
 Sul Catarinense
 Serrana

Informe o seu nível de concordância, conforme sua experiência como empreendedora na área de tecnologia.

- 1 - Discordo totalmente
2 - Discordo parcialmente
3 - Neutro
4 - Concordo parcialmente
5 - Concordo totalmente

11. 11. O ambiente é hostil para as mulheres. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	Concordo totalmente				

12. 12. O acesso a recursos financeiros é limitado. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	Concordo totalmente				

13. 13. Existe poucos modelos femininos. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Discordo totalmente	<input type="radio"/>	Concordo totalmente				

14. 14. Existe dificuldade para fazer networking. *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

Discordo totalmente Concordo totalmente

15. 15. Existe falta de confiança em si mesma. *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

Discordo totalmente Concordo totalmente

16. 16. Existe pressão social para manter o equilíbrio entre trabalho e família. *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5

Discordo totalmente Concordo totalmente

ANEXO C. Roteiro de entrevista com empreendedoras.

1. O que fez você empreender na área de tecnologia?
2. Como você teve acesso a recursos financeiros?
3. Como você faz networking?
4. Como você concilia trabalho e família?
5. Cite o seu maior desafio como empreendedora na área de tecnologia.
6. Descreva um momento marcante em sua trajetória como empreendedora na área de tecnologia.
7. Caso você tenha vivenciado alguma situação de preconceito, devido ao seu gênero, como você lidou com essa situação?
8. Quais as contribuições do ecossistema, especialmente do grupo Mulheres Acate, para o seu cotidiano como empreendedora na área de tecnologia?

ANEXO D. Roteiro de entrevista com articuladora do grupo.

1. Como surgiu o grupo Mulheres Acate?
2. Quem participa do grupo?
3. Quais os objetivos do grupo?
4. Descreva a sua experiência como coordenadora do grupo Mulheres Acate.

ANEXO E. Entrevista via e-mail com empreendedoras.

E1

1. O que fez você empreender na área de tecnologia?

Eu vim do mercado audiovisual, que nos últimos anos foi totalmente redefinido pela tecnologia, primeiro com o acesso a cameras digital, depois com o youtube e por fim os VODs, estudando o mercado foi uma transposição natural migrar para a tecnologia. Meus sócios e eu mapeamos uma novo segmento a cinco anos atrás chamado transmídia, hoje virou lugar comum no mercado e é o esperado de qualquer empresa audiovisual, porém quando começamos a empresa era bastante disruptivo e inovador e fomos no nosso mercado um dos pioneiros. Minha aproximação com a tecnologia dá-se pela forma como ela promove inovação constante e foco na resolução de problemas.

2. Como você teve acesso a recursos financeiros?

Minha empresa fatura desde o primeiro mês de sua fundação através de prestação de serviço. Por anos investimos os lucros da prestação de serviço para produção de produtos e soluções próprias, e buscamos parcerias estratégicas. No ano passado vendemos parte da empresa para receber investimento para escalar nossos produtos e criar uma nova solução alinhada com a necessidade do mercado e do investidor.

3. Como você faz networking?

Através da associação (ACATE, ABRAGAMES, SANTACINE), eventos do mercado nacionais e internacionais, eventos das verticais de negócio da ACATE, do grupo mulheres e também rede de amigos.

4. Como você concilia trabalho e família?

De forma tranquila, dedicando meu tempo livre para as metas pessoais e relações pessoais. Evitando trabalhar todos os dias, e separando horários específicos para cada coisa.

5. Cite o seu maior desafio como empreendedora na área de tecnologia.

Manter a visão do negócio com paciência, e não desistir por que as coisas levam tempo, e às vezes por ansiedade tomamos decisões precipitadas. Então o maior desafio é tirar tempo para tomar decisões de forma assertivas, bem informada e sem se deixar levar para a pressão do imediatismo.

6. Descreva um momento marcante em sua trajetória como empreendedora na área de tecnologia.

Acho que são vários, cada etapa vencida da empresa vira um momento marcante. Acho que de todos seria quando meus sócios e eu decidimos que eu seria a CEO da empresa, decidimos isso ainda montando nosso pitch deck e foi muito simbólico, como não sou sócia fundadora, isso marcou a validação real da minha entrada na empresa e a visão que vínhamos construindo juntos.

7. Caso você tenha vivenciado alguma situação de preconceito, devido ao seu gênero, como você lidou com essa situação?

Sofri preconceitos velados e até cometidos sem intenção como: sentar em uma mesa como a diretora de empresa e as perguntas serão dirigidas diretamente a um homem da equipe com cargo inferior, ver isso continuar acontecendo mesmo depois de responder todas as perguntas e o colega repetidamente explicar que sou eu que cuido dessa parte.

Normalmente eu faço algum comentário direto sobre o fato. Corrigindo e falando: olha eu que sou a diretora da empresa e você está me ofendendo agindo assim. ou algo do tipo.

8. Quais as contribuições do ecossistema, especialmente do grupo Mulheres Acate, para o seu cotidiano como empreendedora na área de tecnologia?

O Ecossistema criado pela a ACATE foi nossa principal rede nos primeiros anos da empresa, tendo sido incubada no Midi, foi crucial para nossa maturidade atual e sobrevivência dos primeiros anos. O grupo mulheres traz uma nova oportunidade de compartilhar os casos de sucesso, saber dos desafios das outras líderes, e particularmente no meu caso compartilhar como a empresa que lidero conquistou dois selos de diversidade do Brasil concedido pela ABRAGAMES, um deles como empresa do segmento (games) que mais emprega mulheres proporcionalmente (50 por cento - 11 mulheres de um time de 22). Espero inspirar outras empresas e mostrar que diversidade traz rentabilidade e produtos melhores e mais inovadores.

E2

1. O que fez você empreender na área de tecnologia?

Minha especialização em Gerenciamento de Projetos puxou muito para trabalhos em projetos de tecnologia. A veia empreendedora, surgiu após a minha demissão e a demissão do meu marido de uma das maiores empresas de tecnologia do mundo.

2. Como você teve acesso a recursos financeiros?

Nunca recorremos a recursos externos, os investimentos foram frutos do próprio trabalho empregado ao longo dos anos, reinvestindo o valor que sobrava.

3. Como você faz networking?

Redes sociais, congressos, eventos de tecnologia em geral. Também já fui vice-presidente da pasta de eventos do PMI-SC, o que promove uma integração bem interessante para quem é da área de projetos e conseqüentemente de tecnologia. Entretanto, em média 70% dos nossos clientes vieram por indicações de outros clientes satisfeitos com nosso trabalho.

4. Como você concilia trabalho e família?

Acredito ter um bom perfil para isso. Não permito que uma coisa sobreponha a outra, é uma característica minha. Eu planejo minhas atividades e coloco horário para cada uma delas. Depois de executadas eu dedico meu tempo para meus afazeres familiares e pessoais. Há quem não acredite que dá certo, mas comigo sempre funcionou muito bem. A palavra-chave para isso é, planejamento e gestão do tempo.

5. Cite o seu maior desafio como empreendedora na área de tecnologia.

Em específico na área de tecnologia é sem dúvida a parte comercial. Nossos produtos/serviços são específicos e muitas vezes difíceis de serem compreendidos. O comercial precisa de uma bagagem técnica para aprender a vender. Agora, de modo geral, existem muitos outros grandes desafios, desde a carga tributária, legislação, banalização na venda e entrega de serviços por algumas empresas "concorrentes" que denigrem a imagem do setor.

6. Descreva um momento marcante em sua trajetória como empreendedora na área de tecnologia.

Sem dúvida o fechamento do meu primeiro contrato, 48 horas depois de estruturar meu negócio em um PMCanvas.

7. Caso você tenha vivenciado alguma situação de preconceito, devido ao seu gênero, como você lidou com essa situação?

Nunca houve um preconceito explícito, mas sim, é perceptível um preconceito velado em alguns casos. Quando acontece eu avalio e apresento meus valores e resultados. Não me vitimizo e nem utilizo exemplos como esses para criar desculpas ou justificar alguma deficiência. Procuro sempre pensar pelo lado da meritocracia, ou seja, meu valor é calculado pela qualidade da minha entrega e do meu legado comparado a outros profissionais do mesmo nível, independentemente de serem homens ou mulheres.

8. Quais as contribuições do ecossistema, especialmente do grupo Mulheres Acate, para o seu cotidiano como empreendedora na área de tecnologia?

Sem sombra de dúvidas a visibilidade e a troca de experiência. Já fui muito engajada em vários voluntariados, mas atualmente, eu penso que é necessário haver uma troca mútua. Isso é um critério de aceitação para saber quais movimentos eu devo participar.

E3

1. O que fez você empreender na área de tecnologia?

Querer fazer algo novo e grande que veio de uma ideia minha. Assim como melhorar minhas anualidades de liderança.

2. Como você teve acesso a recursos financeiros?

Ganhando competições, como Hackathon e também minha família.

3. Como você faz networking?

Indo em eventos da área de startup e entrando em programas de auxílio à empreendedores.

4. Como você concilia trabalho e família?

Não tenho filhos, e minha família mora no RS. Então, acabo indo duas vezes ao ano para lá apenas.

5. Cite o seu maior desafio como empreendedora na área de tecnologia.

No momento fechar parcerias com outras empresas de tecnologia para conseguir ter uma solução mais completa. E também, traduzir o que o cliente quer, (os problemas que ele quer resolvido), de forma eficiente aos programadores, para entregar o produto sem bugs ao cliente!!

6. Descreva um momento marcante em sua trajetória como empreendedora na área de tecnologia.

O momento que testei o MVP da minha startup pela primeira vez e vi funcionando como havíamos pedido!!

7. Caso você tenha vivenciado alguma situação de preconceito, devido ao seu gênero, como você lidou com essa situação?

Fui me pronunciar a um cargo dentro de uma Startup, concorrendo com um outro rapaz. E em diálogo com um amigo em comum dos dois

Basicamente, eu me pronunciei para um cargo de gerenciamento do operacional de uma empresa de tecnologia. E um rapaz, falou que seria mais seguro colar o menino X neste posto, pois este rapaz não tinha certeza se eu seria firme o suficiente para demitir alguém. Além de afirmar que minhas melhores habilidades são lidando com pessoas então eu deveria ser gerente do RH.

Eu tentei retomar a conversa sobre isso, e fazer perguntas para ver se a pessoa entendeu o que ela fez e então dizer que este não é um bom caminho, ou uma prática correta.

8. Quais as contribuições do ecossistema, especialmente do grupo Mulheres Acate, para o seu cotidiano como empreendedora na área de tecnologia?

A troca de experiências e conversas que rendem muito aprendizado. Além do networking para crescer ainda mais com o meu empreendimento.

E4

1. O que fez você empreender na área de tecnologia?

Minha empresa tem um norte na inovação, que foi querer fazer a diferença.

2. Como você teve acesso a recursos financeiros?

Sempre usei recursos próprios.

3. Como você faz networking?

Eu uso parte do meu tempo no associativismo, o que me gera muitas conexões. Faço até hoje mentorias gratuitas. E também faço palestras, LIVE, Webinário, entre outros eventos... é a melhor forma de se conectar. Assim vou conquistando espaço e mostrando meu trabalho.

4. Como você concilia trabalho e família?

Após o câncer isso ficou mais claro para mim. Entendi que tem ser uma prioridade, tanto quantas as tarefas do trabalho. Coloco na agenda se preciso e assim consigo executar também.

5. Cite o seu maior desafio como empreendedora na área de tecnologia.

É distinguir as mudanças e as informações. Muitas pessoas acham que são donas de verdades que nem sempre são reais.

6. Descreva um momento marcante em sua trajetória como empreendedora na área de tecnologia.

A mudança da minha empresa, que passou a ser focada exclusivamente no setor da construção civil, em 2017.

7. Caso você tenha vivenciado alguma situação de preconceito, devido ao seu gênero, como você lidou com essa situação?

Não diria preconceito, mas assédio. O fato de ser mulher, loira, alta, olhos verdes, magra, e mesmo cuidando para a beleza não chegar primeiro, muitas vezes sentia (de cara) um preconceito em prol disso. Fora os olhares maliciosos. Isso tudo, de certa forma, fez com que eu sempre cuidasse muito bem da minha roupa (mais masculina por muito tempo, hoje mais tranquilo) e do meu comportamento, sempre mostrando seriedade.

Já não dei continuidade em contrato por sofrer assédio.

8. Quais as contribuições do ecossistema, especialmente do grupo Mulheres Acate, para o seu cotidiano como empreendedora na área de tecnologia?

Esse projeto é muito especial para mim. Não apenas por ser a Embaixadora, mas sinto que consigo liderar bem todas, mostrando que é possível quando nos unimos.

ANEXO F. Entrevista via áudio de WhatsApp com articuladora do grupo.

1. Oi, Alyne. Tudo bem? Boa noite. Desculpa mandar um áudio só agora, gurria, mas é que só agora eu tô saindo da Acate. Pra você ver, foi uma semana muito intensa, tá? Por isso que eu não pude responder antes. Todo dia chegando em casa 9, 10 horas da noite por causa de eventos e tudo mais. Mas, então, vou começar a responder suas questões lá.

1. Como surgiu o grupo Mulheres Acate?

2. Bom, como surgiu o grupo. Teve, em 2017, a gente recebeu lá a vice-presidente da Intel num evento ali da Acate. Agora, eu fiquei na dúvida se é da Intel ou da Microsoft. Depois, eu vejo direitinho pra você. Mas eu acho que era da Intel. Aí, ela chegou lá e perguntou “Onde estão as empreendedoras da Acate?”. E aí, a gente reuniu rapidinho, consegui reunir umas 8 ou 9 empreendedoras e foram essas que tiveram uma primeira conversa com ela. E aí, com isso, a gente montou o grupo no

WhatsApp com essas mulheres e ficou assim. Eu, na época, trabalhava muito com as verticais e não tive tempo pra me dedicar a isso. Então, depois de um ano, somente depois de um ano, que eu consegui, que eu cheguei assim pra diretoria da Acate e falei "É, realmente não dá mais pra esperar, a gente vai ter que trabalhar". Porque chegou num momento crítico da tecnologia e tudo mais, a gente muito falando em inovação e diversidade e as verticais de negócio com poucas mulheres. Não tinha mulher na diretoria. Então, eu falei "Não dá mais, a gente vai ter que lançar esse grupo". E aí, coincidentemente, o consulado americano entrou em contato dizendo que tinha uma palestrante pra vir aqui pro Brasil. E ele perguntou "Vocês querem aproveitar a vinda dela pra fazer alguma coisa?". E aí, foi quando eu falei "Com certeza, vai ser o momento do nosso lançamento". Então, juntou a fome com a vontade de comer, sabe? O consulado trouxe a Ingrid Vanderveldt, que é uma investidora e tem um fundo de investimentos só pra mulheres nos Estados Unidos. E foi com ela que a gente fez a palestra de abertura do lançamento do grupo Mulheres Acate.

3. Aí, depois eu vou ter que ver a data certinho. Também eu tenho uma apresentação com os dados de 2018 que foi quando teve o lançamento. Eu acho que foi em março ou abril de 2018. E, a partir daí, então, que a gente começou a trabalhar mensalmente as reuniões e fazer alguns eventos também com as mulheres.
2. Quem participa do grupo?
 4. Participa do grupo somente mulheres empreendedoras da tecnologia ou mulheres que trabalham em empresas de tecnologia e associadas a Acate.
3. Quais os objetivos do grupo?
 5. O nosso objetivo inicial, quando eu lancei o grupo ali, era principalmente dar visibilidade e empoderamento pra essas mulheres. Então, a gente lançou o grupo e tão logo lançou já chamou a atenção da diretoria. A diretoria troca a cada dois anos e, quando teve esse momento de eleição, eles já convidaram uma conselheira, que é a Fernanda Bornhausen. E aí, depois, a gente foi convidando outras mulheres pra serem diretoras de verticais. Então, num primeiro momento, o que eu quis com o grupo foi juntar essas mulheres, pra daí a gente começar a fazer algumas ações pra fomentar mais o empreendedorismo e pra trabalhar mais a questão da liderança das mulheres em empresas de tecnologia.
 6. Aí, também, nesse mesmo ano, teve o primeiro Startup Summit. E aí, o Alexandre, que é o organizador, ele já entrou em contato comigo também convidando as mulheres. Ele falou assim "Tatiana, a gente tá com somente 20% de participação feminina como palestrantes". Daí, eu falei assim "Vamos resolver isso". E aí, eu saí convidando várias mulheres pra palestrar no Startup Summit. E, assim, a gente começou a desenvolver uma cultura e um entendimento de que é necessário ter mulheres nos eventos. Então, depois disso, eventos que não tenham mulheres como palestrantes já são mal vistos. Então, isso foi um movimento nosso. A gente começou, assim, com bastante força falar "Todos os eventos têm que ter, pelo menos, uma mulher como palestrante" ou "Tem um painel? Tem que colocar uma mulher!". A gente começou a trabalhar muito nisso e, tanto que hoje, se não tem uma mulher, as pessoas falam "Nossa, que evento machista!". Então, já faz parte da cultura chamar mulheres.

7. Então, teve um entendimento com relação à cultura, que a gente tem que mudar a cultura. Tem que tornar essa cultura assim mais favorável pras mulheres nos eventos, nas empresas. A gente se juntou com as meninas das Anitas, do Technovation Challenge, das Inspiring Girls. A gente apoiou alguns eventos, tudo com o objetivo de trazer mais mulheres pra tecnologia e fazer com que as que estão nas empresas continuem nas empresas, porque a gente ouviu muitos relatos de mulheres que desistiram da carreira por conta de dificuldades, de pressão, de ser um ambiente muito masculino. Enfim, a gente sabe que acontece muitas coisas desagradáveis no meio. Então, a ideia é mudar a cultura, fazer com que os homens entendam também o que eles fazem e as consequências que trazem pras mulheres e tudo mais. E acho que a gente tá conseguindo, aos pouquinhos, a gente tá conseguindo. Então, um dos objetivos muito fortes foi isso: mudança de cultura. Tanto que, até no grupo de investimento, tudo isso a gente tá fomentando que tenham mais mulheres e que essas mulheres sejam respeitadas.
 8. Aí, a gente fez alguns eventos também pra elas se conhecerem. Então, a Annalisa falou sobre finanças, a Luiza, da Plot, sobre storytelling e tecnologias do dia a dia. Aí, tivemos outras palestras, outras participações em eventos também. Sempre que a nossa Assessoria de Imprensa pedia alguma dica de alguém pra falar sobre um determinado assunto, eu sempre priorizava as mulheres, pra que elas tivessem voz e visibilidade. E assim, a gente foi conseguindo.
4. Descreva a sua experiência como coordenadora do grupo Mulheres Acate.
9. A minha experiência, então, passa por tudo isso: desde o lançamento do grupo até uns três meses atrás, que foi quando eu convidei a Gisele e a Luiza pra fazerem parte da liderança do grupo. Daí, então, elas foram convidadas pra serem embaixadoras, mesmo porque a Acate já chegou num ponto que é muita coisa. Pra você ver, já estão criando vários outros Linklabs, vários outros Miditechs. Então, a Acate tá crescendo demais e pra gente dar velocidade às ações e tal, eu acabei convidando as meninas pra me ajudarem. E foi sensacional. Você vê que a Gisele tem uma pegada bem firme, então ela tá trazendo outras visões e fazendo as mulheres se engajarem. E aí, a minha experiência foi isso: primeiro com o lançamento, a gente fez um barulho também na Acate, no sentido de falar muito sobre o que a gente tava fazendo, que a gente tava lançando o grupo Mulheres Acate. Então, eu fazia questão de todos os eventos colocar bastante no Facebook, no Instagram e tal. E tu aprender com as mulheres é uma delícia. A gente aprende muito umas com as outras. Ali são todas líderes, então a gente aprende várias formas de liderança. E é isso. É um trabalho voluntário, é um trabalho que a gente faz com amor à causa e que a grande questão é juntar as mulheres. Entendeu? Juntar, deixar falar, deixar com que elas se sintam à vontade também pra falar o que elas quiserem. É isso. Ficou com alguma dúvida?

ANEXO G. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Alyne Kautnick <alynekautnick@gmail.com>

Grupo Mulheres Acate

ACATE - Tatiana Takimoto <tatiana.takimoto@acate.com.br>
A: Alyne Kautnick <alynekautnick@gmail.com>

22 novembre 2019 16:18

Olá Alyne,

Precisa ser por documento? Coloquei articuladora, pois as representantes hoje são as embaixadoras ok?

Eu, Tatiana Takimoto, confirmo e autorizo o uso do meu nome, como articuladora do grupo Mulheres ACATE, para fins de divulgação da pesquisa "O EMPREENDEDORISMO INOVADOR SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO", autoria de Alyne Madeira Kautnick, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

Abraços!

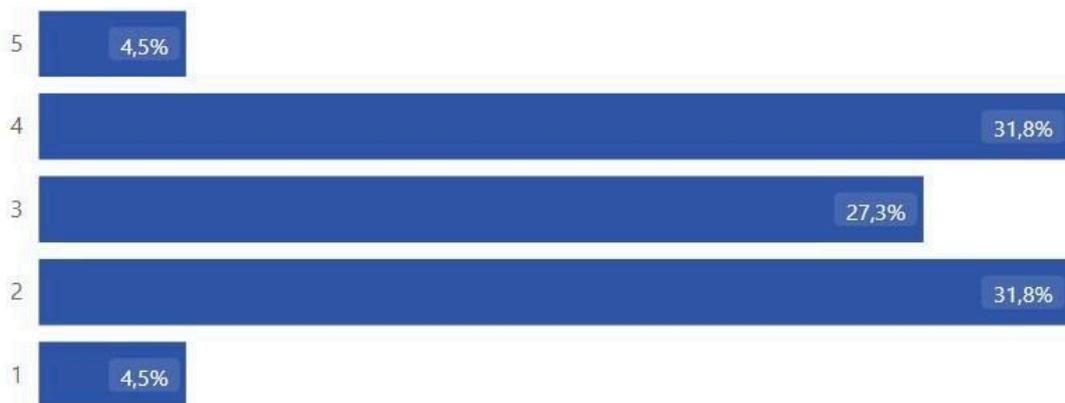


Tatiana Takimoto
Gerente de Marketing e Relacionamento
[48] 2107-2727
acate.com.br



ANEXO H. Gráficos.

11. O ambiente é hostil para as mulheres.



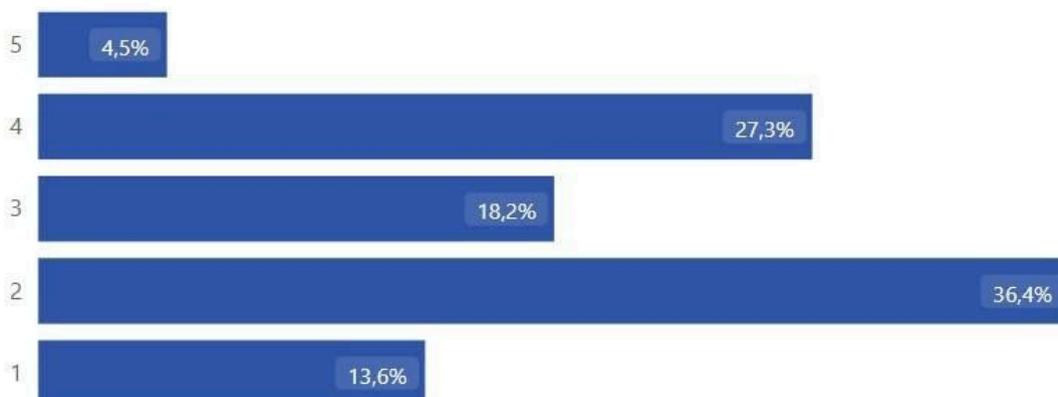
12. O acesso a recursos financeiros é limitado.



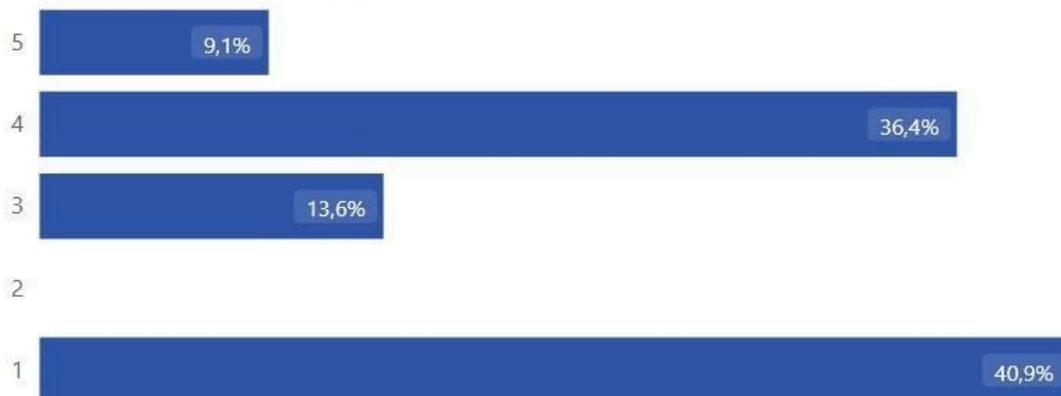
13. Existe poucos modelos femininos.



14. Existe dificuldade para fazer networking.



15. Existe falta de confiança em si mesma.



16. Existe pressão social para manter o equilíbrio entre trabalho e família.



